–COLÉGIO MEDIANEIRA–

O ISOLAMENTO SOCIAL, A COVID-19 E OS PROCESSOS DE APRENDIZAGEM DO COLÉGIO MEDIANEIRA

COLÉGIO Medianeira

Rede Jesuíta de Educação

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

I85

O isolamento social, a COVID-19 e os processos de aprendizagem do Colégio Medianeira/ Fernando Guidini...[et.al.]
Curitiba: Edição do autor, 2020.
75 p. il.

Formato: PDF
Vários autores

ISBN 978-65-993376-0-4 (e-book)

1. Educação. 2. Ensino híbrido. 3. Ensino a distância. 4. Doenças transmissíveis - prevenção. I. Colégio Nossa Senhora Medianeira. Rede Jesuíta de Educação. II. Título.

CDD 370
CDU 37

Catalogação na Fonte:
Bibliotecário Mário Borges – CRB 9/1909/PR.

Índice para catálogo sistemático:
1. Educação 370
2. Educação 37

ÍNDICE

— UM CHAMADO À RESSIGNIFICAÇÃO
POR FERNANDO GUIDINI 05

O PROJETO

— REAPRENDER E REINVENTAR: OS CONCEITOS-CHAVE PARA A INTERAÇÃO VIRTUAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL
POR KATIA SAMPAIO 07

— APRENDIZAGENS EM AMBIENTE VIRTUAL – DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO ENSINO FUNDAMENTAL I
POR JULIANA HELENO 10

— OS DESAFIOS DA TRANSPOSIÇÃO PARA O FORMATO REMOTO NO ENSINO FUNDAMENTAL II
POR MAYCO APARECIDO MARTINS DELAVY 13

— ENSINO MÉDIO: OS DESAFIOS DO ENSINO REMOTO
POR CLAUDIA FURTADO DE MIRANDA 16

AS APRENDIZAGENS

— A EDUCAÇÃO INFANTIL E O AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM
POR KATIA SAMPAIO E SIMONE SANTIAGO 19

— AS DIMENSÕES DO APRENDIZADO EM TEMPOS DE PANDEMIA
POR KLEBER KLOS E MÔNICA D. BARDDAL TONOCCHI 25

— REINVENÇÃO E POSSIBILIDADES NAS APRENDIZAGENS DO ENSINO FUNDAMENTAL II
POR ISABEL DISSENHA, TATIANE MIELKE, FABIANA HITOMI, ALESSANDRO FRANÇA QUADRADO 30

— A REESTRUTURAÇÃO DOS ESPAÇOS E TEMPOS DAS APRENDIZAGENS
POR CARLOS H. T. HELVIG E ROBERTA UCEDA 35

AS SÉRIES E OS COMPONENTES

— A EDUCAÇÃO INFANTIL E O AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM
POR ANA PAULA CORREIA, FABÍOLA JÉSSICA DA SILVA GODOY PEREIRA, LIANE COSTA CURTA PRETI, MARIA RAFAELA DE LIMA 39

— APRENDIZAGEM COM SIGNIFICADO E VIVÊNCIA
POR KELLY CORDEIRO MARTINS E ROMIE CHIARELLY MENDES 42

— NOVAS ESTRATÉGIAS EM TEMPOS DE PANDEMIA
POR JULYA HELENA SEVERA, FRANCIELI PALEVODA, ELIANE BARRETO MAIA SANTOS 46

— A PANDEMIA E O DEUS EX MACHINA
POR ALEXANDRE MARTINS 48

— A GEOGRAFIA DAS JANELAS ABERTAS
POR ADRIANA RITA TREMARIN 50

— A APRENDIZAGEM DA HISTÓRIA EM UM MOMENTO DE TRANSIÇÃO
POR RODRIGO P. BANHOZ 54

— ENSINO E APRENDIZAGEM DE CIÊNCIAS NO CONTEXTO DA PANDEMIA
POR TALGE AIEX BONI 56

— AS CIÊNCIAS NATURAIS E AS MEMÓRIAS DAS APRENDIZAGENS DO PERÍODO REMOTO
POR ANGEL A CRISTINA RAIMONDI 58

— APRENDIZAGENS NA PANDEMIA
POR MARCELO GORGES 62

— DESAFIOS E APRENDIZAGENS EM TEMPOS DE CRISE
POR REGINA DO ROCIO LECHETA 62

— UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO FÍSICA EM TEMPOS PANDÊMICOS
POR NATÁLIA LUIZA SIMAS 66

— DISTANCE LEARNING AT MEDIANEIRA SCHOOL: CHALLENGES, OUTCOMES AND ACHIEVEMENTS DURING THE 2020 PANDEMIC
POR GRACILENE ZEN 68

— UMA APRENDIZAGEM PARA TODA VIDA
POR ROSANA MILEK DOS S. MACHADO 70

— EDUCAÇÃO INCLUSIVA: COMO INCLUIR EM TEMPOS DE PANDEMIA?
POR BÁRBARA H. BORGES, DÉBORA C. DA SILVA BORIN, KAROLINA MARIANNI VARGAS, PRICILA STANKEVECZ 73

Um chamado à ressignificação

"Apaixona-te, permanece apaixonado, e isso decidirá tudo."
Padre Pedro Arrupe

Desde o início de abril de 2020, o Colégio Medianeira, assim como quase todos os sistemas educacionais públicos e privados do país, vê-se diante de um novo projeto: garantir, com estudantes da Educação Básica, o trabalho didático e pedagógico on-line. Trata-se de um desafio imenso, ainda mais se considerarmos as características tão peculiares das faixas etárias envolvidas, em processo contínuo de maturação cognitiva, socioemocional e espiritual-religiosa.

Por um lado, se a formação integral nos desafia diariamente – mesmo no "normal" conhecido – a responder às demandas de uma educação articulada e que atenda à integralidade humana, por outro, oportuniza reconstruir estratégias formativas em contínua abertura à cultura, a partir de uma leitura crítico-pedagógica destes que são os sinais dos tempos.

Diante disso, e por meio do registro acadêmico, este texto nos traz os direcionadores estabelecidos para o trabalho formativo desenvolvido pelo Colégio Medianeira durante esse período de pandemia ocasionado pela COVID-19. O registro das práticas aqui estabelecidas pressupõem uma dupla premissa: o contínuo inquietar-se sobre as experiências em curso, bem como sobre a existência de um projeto pedagógico que tenha como centralidade o estudante e a sua formação integral.

Temos consciência de que fomos chamados institucionalmente às pressas para nos ressignificar. Em menos de 15 dias, reorganizamos a nossa estrutura escolar, nosso projeto pedagógico, nossas práticas em educação, levando ao plano da ação os estudos que vínhamos fazendo há alguns anos, na compreensão da cultura, do contexto, das aprendizagens, do papel educador da família, da tecnologia. Desde então, formamo-nos para a aprendizagem em ambiente virtual e configuramos nossas práticas pedagógicas agora mediadas pelas redes, validando as atividades não presenciais, dos 2 aos 17 anos.

Estamos nos revendo como sociedade, como humanos, como política, como economia, como educação. Empatia, trabalho em grupo, cuidado com o outro, abertura, dentre outros, são algumas das aprendizagens que nos são exigidas, além do domínio da técnica que, no nosso caso, envolve o ensinar-aprender em ambientes virtuais.

A reflexão ora apresentada evidencia traços de um fazer pedagógico sério e situado, não meramente transposto do ambiente presencial para o virtual, mas sim ressignificado no chão da cultura escolar do Colégio Medianeira. Em sua primeira parte, faz-se possível compreender que, pelas mãos dos nossos educadores, o projeto pedagógico e a proposta curricular foram totalmente refeitos, atendendo à caracterização dos nossos estudantes em suas aprendizagens possíveis a distância. Em seguida, observamos indicadores dessas aprendizagens, tematizando os contextos da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio. Por fim, apresentamos evidências da prática pedagógica desenvolvida pelo grupo de professores, integrando séries, componentes curriculares e inclusão.

Nesse contexto de ressignificações, agradeço formalmente pelo trabalho pedagógico realizado, pelo cuidado de uns com os outros, pelo profissionalismo, pela abertura ao novo e pelo espírito de equipe. É visível a adesão coletiva à nossa proposta, bem como a qualidade do nosso corpo pedagógico, inteligência coletiva partilhada desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Diferentes sujeitos, diferentes frentes, um único organismo. Estou convicto de que a máxima do nosso Projeto Educativo Comum ganha ainda mais força nesse tempo: a aprendizagem acontece na e a partir da centralidade do estudante.

Continuemos abertos, juntos e aprendendo. Vençamos os medos. Focos acentuados sobre o passado ou futuro podem esconder a beleza e as oportunidades do presente. Pensemos sobre isso. A tradição pedagógica da Companhia de Jesus nos provoca ao amplo olhar sobre o mundo, o contexto, a vida e suas interações. A partir disso, estabelecemos a nossa ação situada, compromissada, crítica, inovadora e construída coletivamente.

A análise criteriosa, o discernimento e a tomada de decisão são constituintes do nosso método pedagógico, e as nossas decisões sempre serão em prol da vida e do aprender dos sujeitos da comunidade educativa. Em suas entrelinhas, é esse o modo de proceder que esse texto procura acentuar. De fato, as aprendizagens são muitas nesse outro mundo possível.

Uma boa leitura.

Fernando Guidini,
Diretor Acadêmico do Colégio Medianeira

Reaprender e reinventar: os conceitos-chave para a interação virtual na Educação Infantil

— POR KATIA SAMPAIO

Quando o choro estava cessando, o ambiente se tornando familiar, os vínculos começando a ser estabelecidos entre educadores(as) e crianças, Colégio e família, vemo-nos obrigados a interromper esse processo, mas com o intuito de cuidar das vidas de todos nós. Sem saber ao certo por quanto tempo, tudo parecia estar sob controle, pois logo voltaríamos para as nossas rotinas. Mas não foi bem assim! A princípio, seriam 15 dias, mas já ultrapassamos esta marca e estamos em um outro momento, vivendo e experienciando algo novo em sociedade: o isolamento social imposto por uma crise sanitária provinda da COVID-19. Então, vemo-nos diante deste cenário: correria, risadas, choros, brinquedos espalhados pelo chão, interação virtual, mídias para entreter as crianças enquanto a família responde um e-mail ou participa de uma reunião on-line. Parada para o almoço!? Não! Pausa para preparar o almoço da família, entre uma ligação, um e-mail ou uma reunião virtual e outra. Rotina! Que rotina? É preciso se reinventar, é preciso estabelecer uma nova rotina! Mas… como?

Este é o desafio que praticamente todas as famílias, com ou sem filhos pequenos, estão vivendo neste momento. De repente, todo mundo passa o dia inteiro em casa. Nos primeiros momentos, parecia até um feriado prolongado, mas o tempo foi se estendendo e a rotina precisou ser reinventada. Então, foi preciso (re)aprender a lidar com as relações cotidianas e nos reinventar diante do contexto de isolamento social, que nos desafia a modificar hábitos que já estavam estabelecidos! E, durante esses dias de confinamento, um turbilhão de ideias, pensamentos e dúvidas nos acometem. Afinal, nunca passamos tanto tempo em casa e em família, não é mesmo? Surgem questionamentos: como fica a escola em meio a tudo isso?

Em todos os ciclos de ensino, enfrentamos novos desafios. "Enquanto Colégio, temos tido a árdua tarefa de organizar os planejamentos pedagógicos e financeiros, sem perder o foco do nosso projeto educativo de uma educação centrada na formação da pessoa toda e para toda a vida", destaca Katia Luciana Luz Sampaio, Orientadora Pedagógica e de Aprendizagem da Educação Infantil. Ela esclarece que, conforme o Projeto Educativo Comum da Rede Jesuíta de Educação (RJE), "a aprendizagem que queremos se dá na perspectiva do desenvolvimento pleno do sujeito, pressupondo o aluno como centro do processo de aprendizagem" (PEC, 2016, p. 46).

Diante disso, Katia garante: "o corpo docente do Colégio não tem medido esforços no sentido de dar passos significativos para essa educação integral. Embora a educação remota, para as diferentes etapas da Educação básica, não estivesse no nosso horizonte de aprendizagem prioritária, o momento nos obriga, para que possamos proporcionar minimamente uma rotina de estudo, de interação, de vínculo e de comunicação, enquanto não houver o retorno presencial".

A Educação Infantil diante do cenário inusitado de pandemia

A Educação Infantil representa um mundo de descobertas e vivências singulares. É neste período que se inicia o processo de formação integral. Nesse sentido, o foco de trabalho são as brincadeiras e interações, pois é dessa forma que as crianças planejam, experienciam e vivenciam situações cotidianas, iniciando os processos de planejamentos de estratégias e soluções para lidar com os desafios propostos pela nossa sociedade.

O currículo da Educação Infantil se pauta na experiência das crianças diante de proposições com as diferentes linguagens. E, diante do contexto vivenciado, nosso maior compromisso é continuar dando evidência às interações e às brincadeiras. "Nossos educadores têm sido incansáveis na tarefa de poder proporcionar a garantia dos direitos da criança com relação ao brincar, interagir, conviver, participar, explorar, expressar-se, conhecer e conhecer-se. Temos ciência que a presença física na escola é a melhor garantia destes direitos, mas, diante do contexto, tomamos como uma alternativa o uso do ambiente virtual, para podermos manter minimamente os vínculos estabelecidos no primeiro mês de aula, que mal deu tempo de ser consolidado, para algumas crianças e famílias", explica a Orientadora.

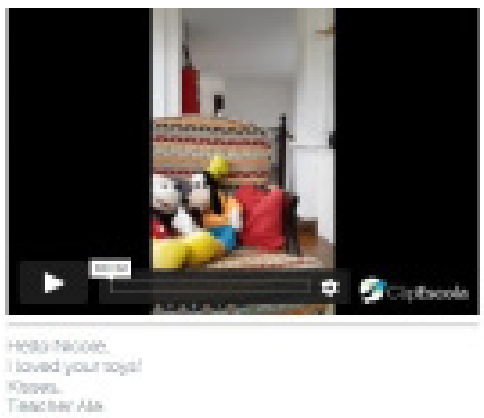
Segundo Katia, a primeira interação neste novo ambiente trouxe aos pequenos um misto de sentimentos. Educadores, crianças e famílias ansiosos, pois isso é novidade e descoberta para todos: um novo modo de fazer escola e estar na vida das famílias, e de as famílias estarem na vida da escola. "A insegurança e a ansiedade tomaram conta de todos até o primeiro rostinho aparecer na tela. E a tarefa não é fácil. Para alguns, ainda têm sido um desafio constante lidar com a frustração de não ter o domínio de uma sala de aula na qual não se pode tocar, olhar no olho, sentir cheiros, acolher com um abraço, olhar toda a turma, entre todos os outros sentimentos que só podem ser sentidos presencialmente", descreve. Mas, depois da interação, o alívio momentâneo. "Ufa, até que não foi tão ruim assim! Mas a Ana, o Fabrico, a Manuela e Pedro não estavam, pensamos – e uma autoavaliação já nos cobra o que poderia ter sido feito diferente. Assim tem sido os dias dos nossos educadores", pondera Katia.

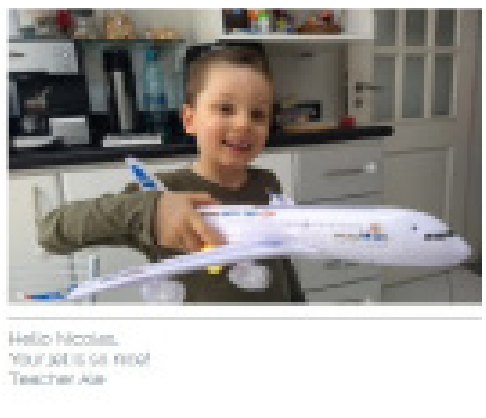
Nesse sentido, uma educadora do Infantil 2 relata: "É um momento em que nós, educadores, estamos nos reinventando e passando por desafios distintos: ora o espaço apropriado para fazer uma gravação, ora a tecnologia que temos em mãos não está de acordo ou até mesmo a falta de habilidade no manuseio; ficar em frente a uma câmera pode ser desconfortante, porém não é isso que me preocupa, o que me preocupa é a promoção da interação com as crianças". A educadora também alega que as formas para se transmitir no presencial são fundamentalmente opostas ao virtual. Além disso, destacando que essa é uma estratégia emergencial, uma forma de fazer com que as crianças não percam o vínculo com a escola, com as educadoras e os amigos, condição fundamental para o estímulo às aprendizagens.

Frente às mudanças, após uma das primeiras interações virtuais, uma família relata que a filha de quatro anos chora ao se deitar, pedindo para voltar à escola, pois quer brincar com os amigos e está com saudade das educadoras, e questionando o porquê da demora em voltar. Então, vem o silêncio da mãe, que a acolhe em seus braços e permite que ela chore, pois isso é aprendizagem para ambas. Katia informa que outros relatos de famílias dão conta de que algumas crianças se negam a participar dos momentos de interação virtual. "Nosso conselho é não insistir". A educadora envia um vídeo específico para esta criança, que reage de outra forma: pedindo para a mãe gravar um vídeo para a educadora também. Outras crianças alegam que querem fazer o momento de interação virtual sozinhas com a educadora, pois, quando estão todos os colegas, não há muito tempo para falar, e elas gostariam de falar mais.

"As experiências têm sido diversas, abrangendo as três dimensões de aprendizagem (socioemocional, cognitiva e espiritual-religiosa) que concebemos enquanto escola. É possível ver o quanto esses componentes têm dialogado na vida de nossas crianças, famílias e educadores", relata Katia. Além disso, ela frisa que, neste momento, é um dever que se assegure, com absoluta prioridade, às crianças, a efetivação de seus direitos, conforme rege o Estatuto da Criança e a Lei de Diretrizes e Bases 9394/96. "O momento nos convida a viver as mais diversas e inusitadas experiências, por isso, vivam, experienciem cada momento de forma intensa e com tempo de qualidade, acolham suas crianças, resgatem a criança que mora dentro de vocês (pais), estejam disponíveis, dentro de uma nova organização familiar que o momento impõe. Esse tempo em família contribui para o repertório de vivências, experiências e aprendizagens, não somente de nossas crianças, mas também de vocês, pais e mães", destaca.

Finalmente, diante de uma oportunidade de formação integral significativa, e pelo resgate do MAGIS inaciano, palavra e conceito conhecido pelos estudantes do Colégio Medianeira, que, certamente, têm muito a nos ensinar sobre ele, garantimos que, no retorno, haverá muitas histórias a se contar.





Aprendizagens em ambiente virtual – desafios e possibilidades no Ensino Fundamental I

— POR JULIANA HELENO

Sem nem mesmo ter começado, 2020 já tinha sido cuidadosamente planejado, ainda em 2019. E, ao vislumbrarmos um novo ano, desde educadores, estudantes e até as famílias criam expectativas e esperanças. O que não sabíamos era que este ano reservava surpresas: um vírus desconhecido e a necessidade de isolamento social, gerando medo e insegurança. Sem aviso prévio, com o desafio da distância imposta, foi necessário replanejar e reinventar tudo.

O que se sucedeu, frente a isso, foram "dias intensos de formação dos(as) educadores(as) e infindáveis reuniões para encontrar a melhor forma de ensinar e aprender à distância, respeitando as faixas etárias e suas necessidades", como aponta Juliana Cristina Heleno, Orientadora Pedagógica do Ensino Infantil ao 5.º ano. Apoiada em Vigotsky, a Orientadora garante: educação de crianças se faz com interação, com mediação.

"O colégio é um lugar de aprendizagens – desde a chegada até o momento da despedida. Aprende-se na sala de aula, nos campos, nos bosques, nas portarias, nos recreios, com os(as) professores(as), com os(as) amigos, com os demais educadores(as). O nosso Colégio tem um espaço físico privilegiado e nossas histórias e memórias vão se construindo também no contato com as árvores, com os pássaros e com o verde que nos acolhe", conta Juliana. Imbuídos(as) desta certeza, nossos(as) educadores(as) se lançam à resolução da problemática de promover aprendizagens e interações, apesar da impossibilidade do presencial.

Diante deste cenário, desde 13 de abril de 2020, uma nova dinâmica de interações e tarefas on-line foi instituída no Colégio Medianeira. Aliado ao apoio das famílias, que recebem virtualmente nossos educadores todos os dias em suas casas, o trabalho dos(as) educadores(as) reflete no comprometimento dos estudantes. "Tem sido um período de muitas aprendizagens: as ferramentas, as plataformas, as conexões, a participação no ambiente virtual, a realização das tarefas sem a mediação direta dos(as) educadores(as), a netiqueta (termo que temos usado em referência a uma postura desejável no ambiente virtual: a 'etiqueta da internet')", descreve a Orientadora.

As semanas vividas neste processo permitem a retomada parcial dos vínculos dos(as) estudantes com os(as) professores(as), com os(as) colegas e com a aprendizagem. Nesse sentido, além de buscar diversificar metodologias, objetiva-se também promover ambientes de escuta, pois a dimensão socioemocional é uma preocupação central neste período. "Se nós, adultos, sofremos, sentimos falta da 'vida normal', nos angustiamos, as crianças também – e, muitas vezes, sem maturidade suficiente para entender a situação toda", explica Juliana.

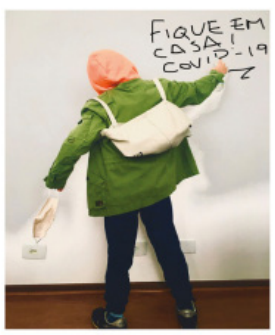
Buscando adequar as aulas, o vínculo, o afeto e os valores ao ambiente virtual, ingredientes essenciais à aprendizagem, os educadores(as) seguem aprendendo junto aos estudantes. O retorno das famílias ajuda a perceber desafios e possibilidades para a qualificação dos processos. Abrindo novos canais de comunicação, via ClipEscola, por exemplo, facilita-se o contato da família com os orientadores de aprendizagem e regentes das turmas, mas não há receitas prontas e nem soluções mágicas. O tempo todo estamos trabalhando com os(as) estudantes, avaliando, replanejando.

Por conseguinte, Juliana explica que, no atual modelo de aprendizagem, a "sala de aula" tem dois educadores, um titular e um auxiliar, para garantir a melhor participação de todos(as). "Já estamos conseguindo colocar em prática atendimentos mais individualizados para aqueles que precisam, mediados pelos Orientadores de Aprendizagem, em contato com as famílias. São caminhos que vão sendo descobertos", resume.

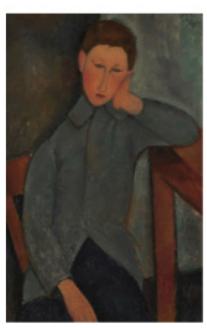
Já por parte dos(as) estudantes, o que se percebe é que aprendem rápido e dominam facilmente não só as ferramentas tecnológicas, mas também os conteúdos trabalhados e, se têm dúvidas, utilizam canais de comunicação diversos para a descoberta de resoluções. "Manter-se atento(a) é uma tarefa muito difícil para estudantes de pouca idade, é preciso

ajudar. Alguns se distraem com o chat, outros frustram-se por não conseguir falar, precisam de mediação específica. As crianças menores, de 6 e 7 anos, precisam de apoio da família, sabemos o quanto isso tem exigido de pais e mães, e por esta parceria somos muito gratos. Uma coisa tão fácil, como entregar a tarefa à professora ou ao professor, tornou-se um desafio, via Moodle, ClipEscola ou e-mail. Vamos testando e construindo novos canais de comunicação", avalia.

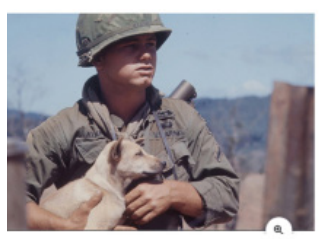
Sem nome – São Paulo
Gustavo e Otávio Pandolfo, "Os Gêmeos"

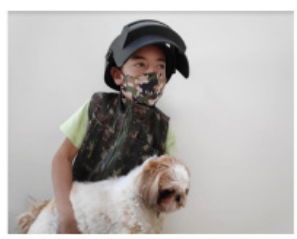


Fique em casa.
JOÃO GUILHERME FRANCISCON, 2020


The Boy
Amedeo Modigliani - 1919

Isolamento, COVID-19
Henrique P. Carvalho - 2020


r: Vietnam War-Dak To Battle And Aftermath
nsões físicas: COLOR TRANSPARENCY
na: TimeLife
e: For personal non-commercial use only
der: LIFE
ographer: Co Rentmeester
al ID: TimeLife_image_111316114
ts: Life Magazine
right: © Time Inc.


Título: Gerra em tempo de COVID-19
Fotógrafo: Helcio Pacheco
Podrução: Fábio R. Pacheco
Direitos Autorais: Fábio R. Pacheco

Até o vocabulário foi ressignificado, com novas palavras que não eram muito utilizadas: Teams, link, Moodle, interação, fórum, quiz, chat, ClipEscola e assim por diante. Além do uso do papel e dos objetos riscantes, os vídeos e as fotos passaram a fazer parte do cotidiano dos estudantes e das famílias. Mas a orientadora declara que ainda há muito a qualificar, pois surgem novas demandas cotidianamente. "É preciso confessar em alto e bom tom: está sendo muito difícil! Para todos e todas! Mas a situação é implacável, pois se trata de preservar a vida e não há nada, absolutamente nada, mais importante do que isso", assegura ela. Finalmente, alimentando a esperança com relação à volta às aulas presenciais, Juliana aponta: "quando isso acontecer, teremos que nos readaptar ao presencial, diagnosticar aprendizagens, replanejar conteúdos e conceitos, e 2020 terá sido, certamente, um dos anos mais difíceis das nossas vidas e, por isso, um ano de muitas aprendizagens".

Os desafios da transposição para o formato remoto no Ensino Fundamental II

— POR MAYCO APARECIDO MARTINS DELAVY

Após a determinação do governo estadual pela suspensão das aulas em virtude da COVID-19, o Colégio Medianeira iniciou a discussão acerca da preparação de espaços virtuais de aprendizagem. Não é novidade: os impactos da pandemia geraram amplos efeitos em todas as esferas sociais, impondo novos ritmos e culturas. Mas, nos momentos de grandes mudanças, normalmente as sociedades e os sujeitos se põem a pensar sobre os pressupostos que guiam e normatizam as suas ações. E, no campo educativo, isso não é diferente.

A escolarização básica sempre trabalhou com alguns preceitos que, de tão evidentes, nem sempre eram postos em relevo: a necessidade do mundo das relações socioemocionais para a manutenção de uma educação efetiva, o cuidado interpessoal, a presença humana, a função do professor como sujeito e mediador constante das aprendizagens, a necessidade de uma educação gerindo sentido de transcendência, a concepção de um estudante como sujeito de todo o processo.

E é justamente na "transposição" desses pressupostos para o formato remoto de aprendizagem que nasce a possibilidade de criar caminhos que nos levem tanto a valorizar aquilo que é central na educação básica quanto a criar possibilidades criativas para se vencer os desafios impostos no presente. Nesse sentido, tivemos o empenho e o engajamento de famílias, de estudantes e de profissionais da educação do Medianeira na criação de um espaço virtual com a nossa cara, com o nosso jeito de ensinar e aprender. "Por formamos uma faixa etária também em tempo de transição da infância à adolescência, a educação que propomos deve se adaptar à cultura de um sujeito conectado e antenado com o contexto

presente, mas em fase de constituição da identidade e da autonomia nas três dimensões do processo formativo: dimensão cognitiva, socioemocional e espiritual-religiosa", destaca Mayco Delavy, Orientador Pedagógico do Ensino Fundamental II.

Delavy destaca algumas estratégias que mostram que a escola é um sistema vivo de inteligências e vontades que, quando unidas, superam com muito mais facilidade os desafios e os limites que brotam do contexto e evidenciam as aprendizagens geradas no projeto em curso.

9º ano e 1ª série - Conversa com o autor Mia Couto

Acompanhamento das aulas virtuais: a faixa etária do 6º ao 9º ano é um tempo cronológico que geralmente vai dos 11 aos 15 anos. São quatro anos essenciais na constituição e no amadurecimento de um método de estudo capaz de gerar autonomia. Nessas séries, não apenas ensinamos conteúdos, como também um modo de agir e ser no mundo. O acompanhamento das aulas gravadas, por parte do estudante, foi e está sendo um grande desafio, pois exigiu uma nova compreensão de tempo, de atenção e de postura diante dos conteúdos. As relações também se estabelecem nesse espaço. No início, todos os professores e professoras se preocuparam em acolher os estudantes, transmitindo uma mensagem de que estamos todos juntos, situando-os no novo espaço. Nas aulas seguintes já demos início ao trato com os novos conteúdos.

Participação das lives e fóruns: o ingresso do pré-adolescente neste espaço gerou inúmeras aprendizagens. A familiaridade com a comunicação em rede já é um elemento constituidor da nova geração. No entanto, readequar e canalizar essa cultura para as intencionalidades próprias da escola foi um grande ganho. Portar-se no chat, sistematizar as dúvidas, escutar o outro, interagir com o educador. Não poucas vezes vimos estudantes auxiliando os educadores e os colegas na manutenção dos chats e no uso da tecnologia.

Aprendizagem por meio das novas metodologias: o ensino remoto nos permite um investimento intensivo nas múltiplas linguagens a serviço da aprendizagem. O conceito de "sala de aula invertida", tão divulgado no campo educacional, ganha destaque neste formato de ensino, pois trabalha em uma relação de equilíbrio entre aulas gravadas, fóruns e lives sistematizados por meio das atividades propostas pelos educadores. Os conceitos de autonomia e protagonismo são pilares desse processo. No entanto, são pilares que devem ser acompanhados, orientados, cuidados pelos educadores e famílias. Os componentes realizaram um grande exercício de adaptação das metodologias para a condução do planejamento de conteúdos previsto para o primeiro trimestre.

Trabalho de pesquisa - 8º ano

Acompanhamento das aprendizagens: a relação de parceria entre família, escola e estudante é muito importante nesse cenário. Todo o processo de aprendizagem se dá mediado pela tecnologia, mas é conduzido por seres humanos de ponta a ponta. Nossa postura diante do outro, o modo como nos comunicamos e transmitimos o que pensamos revela em profundidade o que somos, nossas crenças e humanidade.

Finalmente, e porque vivemos a intensidade de um tempo de aprendizado e criação de um novo formato de ensino para a educação básica, o Orientador destaca a necessidade de se mediar as aprendizagens dos estudantes com serenidade, calma e discernimento. Afinal, "eles são o centro de todo esse processo", lembra.

Aos profissionais da educação, cabe a criação de um espaço virtual saudável, sereno, consistente em conteúdo, rico em metodologias. Às famílias, acompanhar esse processo contribuindo para o amadurecimento da autonomia e liberdade dos que formamos. E, conforme Delavy, "não há dúvida de que somente juntos é que construiremos a educação de qualidade sonhada por todos".

Ensino Médio: os desafios do ensino remoto

— POR CLAUDIA FURTADO DE MIRANDA

No início de 2020, o mundo começou a conviver com uma pandemia, a COVID-19, que afetaria nos meses seguintes o mundo todo. A realidade distante tornou-se real e fez uma boa parte dos brasileiros refugiarem-se em suas casas. As crianças e os jovens deixaram de ir para a escola e o ensino passou a ser remoto. Mas o que isso, de fato, significa? Como estudar e manter um ritmo de estudo sem a tutela de adultos? Quais as principais diferenças entre o ensino presencial e o ensino a distância? Como saber se os estudantes estão aprendendo? Como manter as dimensões humana e acadêmica da formação integral, tão cara para a educação jesuíta, a partir do ensino remoto?

Desde as primeiras semanas de abril, o ensino remoto no Ensino Médio do Colégio Medianeira acontece por meio das aulas gravadas, das lives e dos fóruns. O estudo a distância tem desafiado as equipes pedagógicas, os educadores e os estudantes a aprenderem de diversas maneiras, seja pelo domínio da tecnologia, seja pelas tentativas de diálogo que buscam aproximar o educador dos seus estudantes e vice-versa, a partir de estratégias de problematizações e levantamento de dúvidas.

É sabido que estamos diante de novas formas de ensino e de aprendizagens para todos (famílias, estudantes e educadores) e temos aprendido que a escuta dos estudantes tem constituído um ponto crucial para que possamos adequar os trabalhos desenvolvidos às necessidades emergentes e inéditas para todos.

Como disse uma estudantes da 2ª série do Ensino Médio, em uma das lives com a orientação de aprendizagem, "temos a questão de estudar e as demandas das tarefas, mas o que mais tem pesado é a questão mental, o isolamento". Eis aí o principal desafio

do ensino remoto e que estamos tentando considerar ao projetar estratégias que deem conta de como cuidar do emocional dos estudantes. Somos seres de relações e, como tal, nossa aprendizagem acontece nas interações sociais, no olho no olho, nas contradições reais que estão presentes em todo o ambiente escolar: na explicação do educador e nas dúvidas explicitadas pelos estudantes, nas conversas paralelas de sala de aula, nos bate-papos e paqueras dos corredores, nas brincadeiras e piadas, nos encontros e desencontros que constituem as pessoas a partir dos outros.

Daí a importância das aulas que acontecem por meio das lives: poder ver o educador, escrever nos chats, ver e ouvir os colegas têm sido uma opção interessante para que ocorra um mínimo de interação nesses espaços pedagógicos. As lives semanais com os Orientadores de Aprendizagem têm contribuído para conversar sobre a metodologia de estudo e também sobre diversas questões pautadas pelos estudantes. Além disso, as conversas agendadas individualmente com os estudantes e as atividades do Centro de Pastoral para momentos de pausa inaciana são algumas das estratégias que procuram ajudar nossos jovens neste período de isolamento.

Outra questão emergente é que, no contexto da educação básica, lidamos com jovens em formação e que precisam de acompanhamento dos estudos propostos. Neste sentido, os educadores acompanham as principais tarefas e retomam as dúvidas dos conteúdos ensinados em lives e fóruns. Para tanto, toda a equipe pedagógica e educadores têm participado de cursos de capacitação para o uso de novas tecnologias de ensino-aprendizagem.

Neste caminho, a aprendizagem acontece a partir da organização e ritmo de estudo dos estudantes (fundamental para que eles não se percam com o passar das semanas), da proatividade (levantamento de dúvidas e participação das aulas em tempo real), do domínio da tecnologia (lógica de estudar a distância e do acesso e domínio dos recursos apresentados), a capacidade de análise e síntese do conhecimento, entre outras dimensões do aprender e do conhecer.

Ao longo dos últimos meses inovamos com estratégias que provocassem maior interesse e participação dos jovens pela pesquisa e debate acerca do contexto histórico atual. A Semana de Pesquisa do 2º trimestre privilegiou temas atuais para que os estudantes pudessem escolher o que gostariam de estudar e debater junto com pesquisadores de diversas áreas do conhecimento. O tema central "O MUNDO EM PANDEMIA – dimensões da realidade global e local" foi debatido pelos nossos estudantes junto com mestres e doutores em Biologia, Bioética, Relações Internacionais, Sociologia, entre outros, a partir

dos sub-temas: "Crise dos imigrantes na América Centram e a Covid-19"; "Povo Indígena Ribeirinho da Região Amazônica: Conhecimento Tradicional X Conhecimento Científico"; "A pandemia de COVID-19 como um evento ecológico"; "Química e suas relações em tempos de pandemia - O mito da neutralidade científica"; "A ciência na busca da vacina contra a COVID-19: dilemas e avanços"; "Os povos indígenas e o contexto da pandemia: invisibilidades e resistências".

A tecnologia uniu os estudantes e educadores com pesquisadores de diversos locais do Brasil, possibilitando interações e sínteses do conhecimento. Essas estratégias de ensino-aprendizagem se ramificam ao longo do ano em novas propostas para o ensino remoto.

Outro desafio deste processo de conhecer e aprender remoto é o de acompanhar os estudantes nas dimensões cognitiva, socioemocional e espiritual-religiosa. A reinvenção das estratégias se torna constante e dinâmica. É importante conversar, rir, trocar ideias, tentando alcançar outros "espaços" da dinâmica escolar que outrora eram presenciais. Daí a importância dos "recreios" em salas virtuais específicas organizadas para e pelos estudantes; dos grupos de estudo entre os estudantes; das agendas coletivas organizadas pelos orientadores de aprendizagem nos espaços do Moodle e em outros canais de comunicação dos estudantes; das semanas de checklist de tarefas; dos encontros dos estudantes que apresentam dificuldades de aprendizagem com os educadores. Enfim, possibilidades metodológicas que são criadas alicerçadas nas necessidades que emergem do contexto diário.

A finalização do ensino básico significa também a transição para o ensino universitário. Os vestibulares das universidades públicas e particulares e o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) continuam a ser uma realidade, mesmo em período de pandemia e isolamento social, fato que ocorrerá entre o final de 2020 e o 1º semestre de 2021. Essa demanda tem exigido o preparo dos estudantes para os exames externos de maneira on-line, seguindo as orientações dos processos seletivos públicos e privados. Assim, temos realizado simulados on-line como forma de preparar, gradualmente, os estudantes do Ensino Médio.

Estamos vivendo o inesperado e nos renovado a cada dia e da melhor forma possível, sabendo que temos que inovar e pensar em novos passos pedagógicos para atender as necessidades dos estudantes. Neste propósito, o caminho coletivo se faz junto com toda a comunidade: educadores, estudantes e famílias, pois, como diria Raul Seixas, "um sonho que se sonha só, é só um sonho que se sonha só, mas sonho que se sonha junto é realidade".

A EDUCAÇÃO INFANTIL E O AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM

— POR KATIA SAMPAIO

— POR SIMONE SANTIAGO

2020 nasceu com uma preocupação mundial. Um vírus novo chamado COVID-19 se espalhou no Oriente de forma rápida, deixando várias famílias enlutadas. O Ocidente acompanhou dia a dia a sua evolução, as orientações e as medidas tomadas pelos governantes. Até o momento, a única forma de combater o vírus é o isolamento social. Cidades, estados e países fecharam suas fronteiras na perspectiva de conter o vírus, de encontrar uma vacina ou um medicamento eficaz no seu tratamento, mas o que se conseguiu foi apenas um atraso de sua chegada a outros países. No Brasil, acompanhávamos as notícias ainda um pouco desconfiados e logo fizemos relação com a gripe H1N1, então retomamos cuidados de higiene.

Em 17 de março, recebemos a notícia do Decreto n.º 4.258 suspendendo toda atividade não essencial por 15 dias, pois o vírus tinha chegado ao Brasil. Tivemos quatro dias para organizar minimamente algumas possibilidades pedagógicas para os 15 dias de suspensão de aula. Estávamos no momento de constituição de vínculos com as crianças e familiares, rotinas do primeiro mês de aula e em preparação para a reunião metodológica a ser realizada com as famílias.

Em 19 de março, reunimos todas as Educadoras da **Educação Infantil** no final da tarde e nos despedimos, algumas achando que, após 15 dias, retornaríamos, e outras já não sabendo por quanto tempo ficaríamos distantes, diante das experiências em outros países.

Após a primeira semana de suspensão, rumores de mais tempo de isolamento começaram a ser veiculados nas mídias e nas notícias do Ministério da Saúde. Novos decretos foram editados, e o MEC se posicionou, publicando, na edição de 18 de março do Diário Oficial da União (DOU), a autorização para substituição de disciplinas presenciais por aulas que utilizassem meios e tecnologias de informação e comunicação em cursos em estão em andamento.

Algumas preocupações surgiram, pois do Ensino Fundamental I ao Ensino Médio as escolas são autorizadas a dar continuidade ao ano letivo de forma remota, flexibilizando dias letivos, mas seguindo o cumprimento das 800 horas. A Educação Infantil ficou de fora desta regra, por se considerar que não seria adequado crianças desta faixa etária serem submetidas ao ensino remoto. Enquanto escola, também nos posicionamos contrários, porém diante do contexto, somos convidados a nos reinventar, para garantir minimamente os direitos das crianças. O primeiro intuito foi manter os vínculos estabelecidos no início deste ano letivo com as crianças e famílias e proporcionar sugestões de brincadeiras, interações e vivências, auxiliando as famílias nas rotinas com as crianças em casa, em tempos de trabalho home office.

O período de suspensão das aulas foi se estendendo e, hoje, tudo indica que ainda vamos continuar nesse formato. Diante da incerteza do retorno e do alongamento da suspenção das aulas presenciais, no dia 25 de maio, o governador altera o decreto N.º 02/2020, artigo 2.º da Deliberação N.º 01/2020 e autoriza a validação de carga horária para educação Infantil de forma remota. Diante dos contextos mencionados, várias incertezas e inseguranças perpassam entre os gestores, professores, famílias e crianças.

Um dos primeiros questionamentos dos gestores e professores foi: como mobilizar as crianças e famílias para continuidade das atividades de forma remota? É adequado? Será possível? Como conseguiremos mediar os processos de aprendizagens sem o olho no olho?

Somos tomados por um sentimento de insegurança e ao mesmo tempo desafiados a nos reinventar. Constituiu-se uma rede de apoio e acolhimento entre professores e orientadores, fundamental para a continuidade dos trabalhos e reinvenção do trabalho pedagógico.

Em cada série da Educação Infantil foi, e é, preciso ter um olhar específico devido à especificidade das diferentes idades.

As primeiras lives foram tomadas de expectativas por todos os envolvidos neste processo de ensino e aprendizagem e também de frustrações, pois se entende que este ambiente de ensino é totalmente novo, tanto para professores quanto para as crianças. Aos poucos fomos avaliando e reavaliando cada interação, conseguindo perceber as especificidades, adequando as estratégias a cada série, com um novo olhar para as interações e brincadeiras, eixo central da Educação Infantil.

Estamos aprendendo uns com os outros a nos reinventar neste contexto. E as crianças têm sido nossas inspirações no processo de aprendizagem digital, pois em pouco tempo já demostram certas habilidades que nós professores demoramos um certo tempo para nos familiarizar. Reafirmamos as palavras de P. Arrupe (1980), quando nos exorta sobre o quanto "as crianças" (os alunos) nos educam a partir de suas expectativas e contato com a civilização. Por isso, educar exige sempre presença e relação com a vida "das crianças" (dos alunos).

Um dos nossos focos de aprendizagem com as crianças da Educação Infantil é a escuta, não somente através da fala das crianças, mas pela observação e percepção das professoras para ouvir as características e especificidades de cada uma. Para isso, constituímos diferentes estratégias, como ligações às famílias e crianças, entrega de materiais, jogo da memória da turma, reunião coletiva de escuta com as famílias, importante para a permanência de vínculos e interações individuais, em pequenos grupos e/ou coletivas.

As interações individuais, em pequenos grupos e coletivas, hoje, representam um momento importante para a escuta das crianças e também um espaço em que elas possam se expressar e interagir fora do contexto familiar. À medida que a criança percebe que é escutada passa a se sentir valorizada em tudo o que faz e é incentivada a pensar, criar, imaginar e expressar seus afetos. Ao observarmos as crianças e suas interações, podemos trazer para o planejamento seus interesses, abrindo espaço para suas manifestações, ressignificando estratégias e materiais para que se sintam desafiadas e capazes na produção do conhecimento em si e do mundo que a cerca.

Com a ampliação do isolamento social e com a continuidade das atividades remotas, percebemos a necessidade de orientar as famílias sobre como lidar com uma criança de Educação Infantil nesse ambiente de aula virtual. Grande parte das famílias acha que é necessário que a criança fique parada na frente do computador escutando e participando das atividades. É preciso, então, mostrar para os pais que nem todas as crianças nessa faixa etária conseguem esse movimento e que não tem problema ela querer ficar se movimentando, ficar com a câmera desligada ou não querer falar. O respeito à criança é muito importante e o professor tem toda uma sensibilidade para entender e "cuidar" dessa criança. O contato individual, o diálogo com a criança e o respeito a esse momento é fundamental para a continuidade do vínculo e de uma aprendizagem significativa.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (BRASIL, 1998, p. 23): "Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidado, brincadeiras e aprendizagem orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural". Pensando nesses aspectos, as séries começaram a fazer o movimento de marcar interações individuais com as crianças. Esses momentos estão estabelecendo um maior vínculo com as crianças, tanto emocional quanto cognitivo, e é perceptível um maior envolvimento e participação no processo de ensino e aprendizagem. Essa estratégia possibilitou uma maior espontaneidade das crianças nos momentos de interações virtuais coletivas.

É perceptível a aprendizagem de novos conhecimentos. As crianças se apropriam com muita rapidez do ambiente virtual, principalmente as do Infantil 4 e 5 que demostram certa autonomia com as plataformas utilizadas, ligando e desligando a câmera, microfone, fazendo uso do chat, pedindo a vez para falar, comunicando-se de forma mais tranquila e espontânea, algumas vencem a timidez e conseguem interagir com os colegas e professores, e outras conseguem ouvir mais o outro, percebendo a necessidade de respeitar esses momentos.

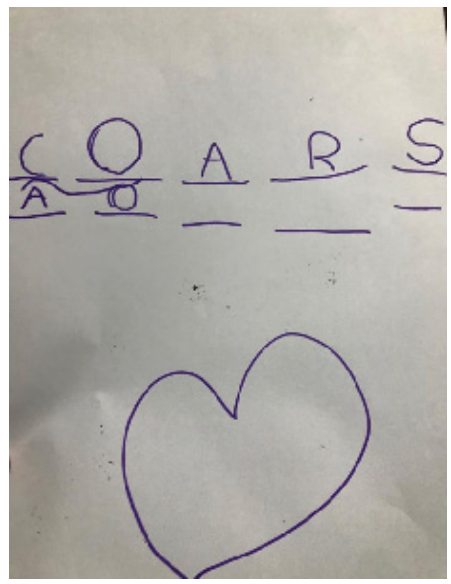
As atividades disponibilizadas promovem o desenvolvimento da criatividade, possibilitando a participação da família que hoje está muito mais próxima das aprendizagens de seus(suas) filhos(as).

Percebe-se uma maior desenvoltura na oralidade de algumas crianças, pois a comunicação no ambiente remoto é basicamente realizada pela oralidade com as crianças pequenas. Embora exista um interesse das crianças do Infantil 4 e 5 pelo uso do chat, ressignificando assim a função social da escrita, algo sempre presente nas atividades presenciais.

O Infantil 5 tem manifestado maior interesse pela escrita, situação sempre presente em todos os anos e que não deixou de ser manifestada no ambiente virtual, agora com novas proposições, como o uso do chat. Diante disso, tem surgido pequenas investigações, possibilitando a apropriação da escrita de forma espontânea. As crianças querem cumprimentar as professoras, os amigos e escrever os nomes como forma de presença. Esse movimento também é percebido no Infantil 4, e algumas propostas estão sendo feitas para estimular esse interesse, como "provocar" a criança a fazer tentativas de escrita de um registro.

As crianças percebem a função social da escrita, à medida que mostram curiosidade são ouvidas e respeitadas em torno do escrito, levantando hipóteses acerca dos seus significados, dos seus usos e das suas funções. Surgem, dessa forma, as escritas

Arthur, do INF 5 A fazendo tentativa de escrita da palavra SERPENTE.



Letícia Marie, do INF 5 D, fazendo tentativa de escrita da palavra CORAÇÃO.

espontâneas. Mesmo com as interações virtuais estamos conseguindo, de certa forma, proporcionar esses momentos.

Com essas ponderações surgiram outros questionamentos e desafios: Como proporcionar e avaliar as interações entre as crianças? Por mais criativas que sejam as aulas, em alguns casos, acaba o professor sendo o foco daquele momento. Como dar voz às crianças nesse formato? Como avaliar o quê e se elas estão aprendendo? Como perceber suas necessidades, curiosidades, as hipóteses que levantam? Como acolher todos os sentimentos expressados? Alegria, euforia, crianças falantes, choro, reclusão, vergonha, medos, etc.? Como dar continuidade aos projetos e investigações? Como trabalhar unindo os campos de experiências? Como acessar os conhecimentos prévios das crianças em todos os campos de experiências? Como partir daquilo que as crianças estão vivenciando? Como os direitos de aprendizagem se relacionam ao Mapa de Aprendizagens? Como lidar com o medo? Como lidar com a vergonha de falar diante das telas? (Tanto professores quanto crianças). Como trazer leveza a tudo isso, deixando que as crianças se sintam tranquilas e confortáveis, não gerando traumas neste momento? Como proporcionar boas experiências a elas?

Temos dúvidas quanto à avaliação do desenvolvimento da criança, pensando no contexto diferente que estamos vivenciando. É possível realizar uma documentação pedagógica? Como observar as especificidades que notarmos em cada criança?

Estamos em busca das respostas a estes questionamentos. E o primeiro movimento é redesenhar os focos das séries, os objetivos anuais e reavaliar os objetivos do mapa das aprendizagens. Tal movimento tem nos ajudado a ampliar o olhar sobre os processos de aprendizagens.

O que tem nos ajudado a avaliar o processo das aprendizagens das crianças, neste período, são as conversas com as famílias com questões estruturadas em que os pais possam responder sobre o que as crianças estão desenvolvendo, assim como também uma autoavaliação com as próprias crianças, e claro um olhar diferenciado das professoras nas lives. Outro suporte importante para este processo de construção da documentação pedagógica é o envio das fotos e pequenos vídeos, das atividades realizadas, via ClipEscola, os quais nos dão alguns suportes de observação sobre o desenvolvimento das aprendizagens das crianças. Durante as interações virtuais, temos encontrado formas e estratégias de como observar e possibilitar a escuta, a autonomia e o pertencimento de grupo em um ambiente virtual.

Todas estas questões nos levam a refletir e buscar subsídios, estudos, leituras e formação através de lives que trazem à discussão este cenário que estamos vivenciando. Tudo isso é algo muito novo, juntos vamos abrindo trilhas, ensinando uns aos outros, mergulhando no mundo virtual e compartilhando saberes, descobertas e angústias.

Não temos as respostas para muitos desses questionamentos e talvez não teremos tão cedo. Mas o que nos cabe é problematizar e buscar entender, compreender e levantar novas indagações. Sabemos que as perguntas são necessárias para orientar nossa caminhada em busca de um grande horizonte e garantir os direitos de aprendizagem: Conviver, Interagir, Brincar, Participar, Expressar-se, Conhecer e Conhecer-se.

A escuta com as famílias tem sido um grande desafio para nós, Orientadores de Aprendizagem. Os relatos mostram que as famílias estão com dificuldades de estabelecer uma rotina "mínima", em que a criança tenha um momento de atividade acompanhada pelo adulto, pois o trabalho home office é a maior justificativa e impedimento. Outro fator que também justifica a falta de tempo é a prioridade do filho mais velho que está no fundamental I, mostrando assim a concepção que a sociedade ainda tem sobre a Educação Infantil de um lugar somente de cuidado e um espaço para que meu(minha) filho(a) fique enquanto trabalho, não compreendendo a importância dos direitos das crianças e o papel da Educação Infantil na Infância. Outro discurso presente neste momento tão inusitado é sobre a "culpa", algo muito frequente na fala dos pais. Embora as orientações tentem confortá-los, explicando o quanto o momento é atípico, a falta de perspectiva de um retorno à "normalidade" acaba gerando muita ansiedade, sendo preciso ajudá-los com sugestões de rotina ou simplesmente abrir um canal de escuta para aliviar as tensões.

Quando a família consegue entender o quanto é importante estabelecer uma rotina com a criança, mesmo de forma mínima, como realizar as propostas da escola sempre no mesmo horário, dando referência do dia para esse momento, por exemplo: depois do

almoço ou depois do banho, faz com que as crianças consigam organizar-se mentalmente e no espaço que estão ocupando, hoje, 24 horas por dia. A importância desta demarcação de rotina traz segurança e limites para a criança que está construindo suas noções de tempo e espaço.

Uma outra justificativa das famílias para que as crianças não participem das atividades remotas é o tempo de exposição da criança à tela, porém algumas crianças já ficam expostas às mídias ao longo do dia assistindo ou jogando. Percebemos que algumas famílias não conseguem estabelecer nem dar limites às crianças. Buscamos escutar, entender e orientar essas famílias sobre o uso das tecnologias, seus benefícios e prejuízos.

Também temos falas recorrentes de algumas famílias que as crianças estão perdendo o ano letivo, portanto, cabe a nós professores e orientadores de aprendizagem mostrar à família o quanto as crianças estão se desenvolvendo e que a aprendizagem se dá nos mais variados espaços. É preciso instruir as famílias sobre os processos de aprendizagens das crianças, para que elas conheçam e sejam nossos maiores aliados neste momento.

Nesta perspectiva, percebemos que o trabalho com as 3 dimensões da aprendizagem, diante do contexto de isolamento social (COVID-19), em que a escola adentra os lares de nossas crianças, estendem-se às famílias, pois algumas têm tido a necessidade de serem orientadas em como mediar as aprendizagens das crianças.

Continuamos nos reinventando e aprendendo novas práticas pedagógicas com o contexto que nos é imposto.

As dimensões do aprendizado em tempos de pandemia

—POR KLEBER KLOS

—MÔNICA D. BARDDAL TONOCCHI

Este ano letivo iniciou de acordo com a programação prevista em calendário escolar. Porém, no início de abril, fomos acometidos por uma pandemia que trouxe incertezas, inseguranças e dúvidas quanto à continuidade do processo de ensino e aprendizagem em todo Brasil.

A suspensão das aulas presenciais ocasionou uma série de impactos e mobilizou todos os sujeitos da comunidade escolar: gestores, educadores, estudantes e famílias.

A exigência deste contexto trouxe muitos desafios e a oportunidade de nos ressignificarmos tanto pessoal quanto profissionalmente. A emergência de novas possibilidades de práticas pedagógicas que envolvam o distanciamento e a aprendizagem remota fez com que saíssemos do lugar comum e buscássemos novas ferramentas, novas práticas e muita formação para dar conta da demanda. Nesse sentido, temos instigado os educadores a diversificarem as experiências de aprendizagem com apresentações interativas, pesquisas, jogos, visitas a museus virtuais, vivências de atividades motoras, troca de experiências do vivido, laboratórios de ciência remotos, entre outras. O formato remoto é o momento propício para instigar o protagonismo nos estudantes, é preciso envolvê-los cada vez mais no processo criativo de desenvolvimento das aulas, e essa diversidade metodológica pode contribuir para a questão.

O processo de aprendizagem, nesse formato, precisa considerar o tempo de concentração das crianças, o tempo de exposição à tela do computador e/ou celular, a necessidade de acompanhamento de um adulto para que os menores participem das

interações, o desenvolvimento da autonomia para o uso das tecnologias e de novas propostas de ensino e aprendizagem. Por termos o estudante no centro do processo, as aulas passaram a ser interações de 30 a 40 minutos cada, com um intervalo entre uma e outra, totalizando duas interações/dia.

Sempre reforçamos para nossos educadores e, principalmente, para as famílias que o currículo previsto para o ano será adaptado, não somente pela menor carga horária, mas por entender que, além de ser improdutivo exigir que os estudantes assistam seis aulas durante uma manhã ou tarde pelas telas de computadores, outras aprendizagens são simultaneamente tecidas.

Consideramos também que as famílias estão organizadas de maneiras distintas, mas que a maioria não tem formação e nem tempo disponível para acompanhar uma demanda de atividades compatível com o modelo presencial. Por isso, a organização escolhida.

O Mapa de Aprendizagens é o documento que embasa as aprendizagens dos estudantes também nesse contexto. As dimensões da aprendizagem (cognitiva, socioemocional e espiritual-religiosa) devem ser contempladas, pois, segundo o PEC n. 45, "Há que se ter clareza sobre as competências e habilidades a atingir em cada uma dessas dimensões, assim como de meios e instrumentos para avaliar o desenvolvimento dos estudantes em cada etapa da vida escolar".

Ensino, aprendizagem e avaliação são parte do mesmo processo e, diante dos desafios impostos pelo contexto, foram todos ressignificados. Utilizamos novas formas de avaliar com a utilização de ferramentas e plataformas digitais, retomamos a necessidade de dar voz aos estudantes ao fazer autoavaliações que nos apontam o que poderia ser modificado e/ou melhorado. O *feedback* das famílias também tem sido importante para que possamos qualificar nossas estratégias e proposições no ambiente on-line.

Quando pensamos em aprendizagem com crianças das séries iniciais, sabíamos das especificidades da faixa etária e o primeiro grande desafio que precisávamos enfrentar era a falta da presença física dos colegas e professores. Como garantir aprendizagem a distância, com crianças tão pequenas? Sabemos que a afetividade é a mola propulsora das aprendizagens e que o vínculo estabelecido no primeiro mês de aula precisa ser fortalecido no ambiente remoto.

Diversas foram as estratégias pensadas para garantir o acolhimento, a escuta cuidadosa e a manutenção e o fortalecimento do vínculo entre os pares e professores/estudantes, de acordo com a *Cura Personalis*, proposta do carisma inaciano.

As famílias precisaram aprender a conduzir tarefas, com o apoio da escola ouvindo suas incertezas, orientando na construção de uma rotina que envolva a criança em casa o tempo todo. A construção da autonomia para participar das interações e realizar suas tarefas foram situações relevantes para que a parceria tão necessária neste momento se estabelecesse.

No ciclo de **1º ao 3º ano**, organizamos as reuniões pedagógicas que já estavam previstas no presencial, adaptamos o formato da reunião, conseguimos dar um espaço de escuta às famílias e pudemos ponderar sobre a aprendizagem de cada série e o que se espera para este momento que estamos vivenciando.

Nos **4° e 5° anos**, adaptamos o conteúdo da Oficina de Matemática, que seria realizada na semana seguinte à paralisação das aulas, e as educadoras produziram pequenos vídeos com orientações sobre o componente. Estamos planejando fazer algo parecido com a Oficina de Língua Portuguesa que seria ofertada também.

Os conselhos de classe aconteceram de forma remota a partir dos diagnósticos realizados com o apoio de interações com grupos menores, nos casos de 1º e 2º anos e das plataformas digitais nas séries posteriores.

No período de entrega dos pareceres semidescritivos e dos boletins do primeiro trimestre, atendemos um grande número de famílias de estudantes que nos preocuparam durante as discussões de conselho de classe, conversas onde foram possíveis reorganizações e reencaminhamentos a partir de escuta sensível com as demandas das famílias, como também reendereçamentos necessários ao acompanhamento do estudante.

Com isso, organizamos as Oficinas de Aprendizagem com pequenos grupos de estudantes, a fim de fazermos um trabalho mais individualizado com aqueles que apresentavam maiores dificuldades de aprendizagem em grupos de Matemática ou de Linguagem.

A tecnologia fazendo parte do cotidiano escolar, e neste momento só por meio dela, trouxe novas roupagens para práticas que habitam o fazer pedagógico. Professores têm se superado ao buscar novas ferramentas e possibilidades de trabalhar o conhecimento de forma remota, e nós, enquanto orientadores de aprendizagem, temos buscado novas estratégias para garantir o acompanhamento dos estudantes e de suas famílias, para que possamos manter vínculos, criar oportunidades de troca e escuta, a fim de um objetivo comum: garantir as aprendizagens de nossas crianças em todas as suas dimensões.

Diante disso tudo, observamos que muitas aprendizagens foram tecidas ao longo deste período:

DIMENSÃO COGNITIVA

Com o uso de ferramentas específicas, as plataformas digitais passaram a ser o principal local de execução de tarefas. Postagens e interações foram apropriadas pelos estudantes e famílias. Os menores precisam do apoio da família, mas a partir do 4º ano já é possível que as próprias crianças sejam capazes de se organizar. Esse trabalho de organização de espaço e tempo, desenvolvimento de hábito e método de estudo, precisou também de

adaptações para ser vivenciado nesse formato. Temos acompanhado com entusiasmo o desenvolvimento da autonomia dos estudantes na organização de suas rotinas escolares, compreendendo suas responsabilizações com seus estudos.

Espaços e tempos foram revisitados e a necessidade de organizar a rotina de horários de estudo, de tarefas e materiais para cada interação passou a ser foco de trabalho de orientadores, educadores e famílias.

As crianças aprenderam a usar as ferramentas disponíveis, as famílias se adaptaram ao acompanhamento das crianças e conseguimos perceber avanços no processo de alfabetização.

Com as crianças do 1º Ano, que recém-saíram da Educação Infantil, era necessário dar início a um processo de alfabetização mais sistemático e desenvolver habilidades para interagir e aprender no espaço virtual.

No 2º Ano, a continuidade do processo de alfabetização e o avanço nos processos de leitura, escrita e conceitos matemáticos estão acontecendo da mesma forma.

No 3º Ano, acontece o aprofundamento da leitura com compreensão, e a estruturação de textos tem passado pela construção coletiva de textos e reescritas.

Nos 4º e 5º Anos, o aprofundamento na linguagem das ciências, a alfabetização conceitual dos diferentes componentes curriculares e a vivência de estudos e tarefas organizadas por núcleos do conhecimento têm sido vivenciados pelos estudantes também no formato remoto.

DIMENSÃO SOCIOEMOCIONAL

A escola é o ambiente social da criança e, nesse contexto, o espaço físico deu lugar ao virtual. As relações continuam, porém em outra dimensão. Aprender as novas regras de boa convivência, tais como o uso do chat, microfone e câmera foram importantes para dar às aulas a organização necessária.

Esperar a sua vez de falar e escutar o outro é uma aprendizagem que já vem sendo construída no presencial, mas que acabou sendo ressignificada neste momento, pois todos estamos mais fragilizados e ser capaz de acolher o outro tem sido valorizado nas relações entre todos os educadores, pais e estudantes.

DIMENSÃO ESPIRITUAL-RELIGIOSA

Além da escuta do que o colega tem a dizer, nossos estudantes aprenderam a considerar o contexto, a acolher as fragilidades dos outros e a aceitar as suas.

Momentos de reflexão e espiritualidade têm sido propostos semanalmente, com o intuito de sensibilizar a comunidade escolar para a necessidade de abrir-se ao outro e ao transcendente.

Sabemos que essa forma de educar é emergencial, porém, muitas das aprendizagens que estamos construindo agora levaremos para a vida e muitas das estratégias utilizadas terão continuidade no retorno da educação presencial.

Com a parceria entre os sujeitos, estamos na busca do MAGIS também nesta situação de distanciamento social, cada um dentro de suas casas, ensinando e aprendendo juntos no novo contexto, conforme afirma o nosso diretor-presidente da RJE, em vídeo de 21 de maio:

A suspensão das atividades presenciais tem permitido a quebra de muitos paradigmas dentro dos colégios, tem trazido novos ares ao trabalho de professores e alunos e despertado uma onda de criatividade e solidariedade que merece destaque (Irmão Raimundo Barros, SJ. Diretor presidente da RJE).

Reinvenção e possibilidades nas aprendizagens do Ensino Fundamental II

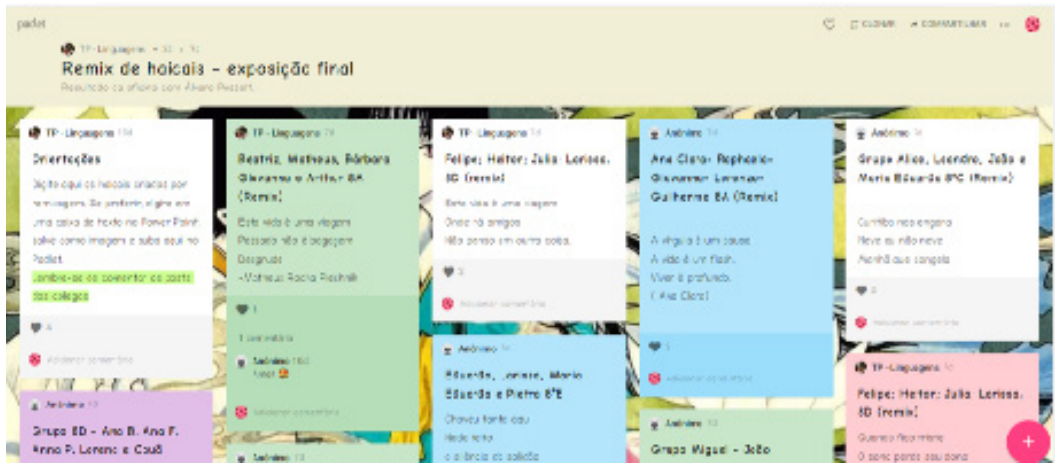
— POR ISABEL DISSENHA
— TATIANE MIELKE
— FABIANA HITOMI
— ALESSANDRO FRANÇA QUADRADO

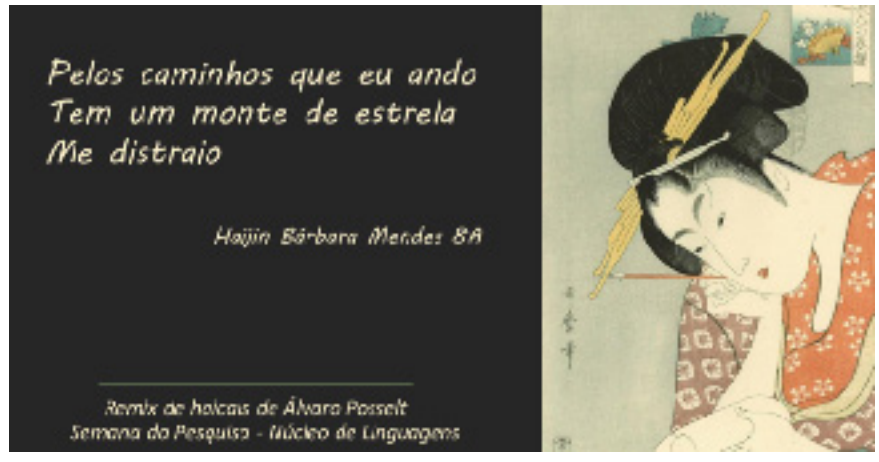
Nas aprendizagens do **Ensino Fundamental II** (EFII) do Colégio Medianeira em 2020, experiencia-se um momento de novas tessituras. Em meio à pandemia e ao contexto de atividades não presenciais, desaprender para (re)aprender tem sido a linha de pensamento que passou a ser costurada para suturar os rasgos na contextura curricular-metodológico-avaliativa dessa fase de aprendizagem em nossa instituição.

Como bem nos apontou P. Luiz Fernando Klein, SJ, em conversa on-line recente com os educadores do Medianeira, rumamos em uma estrada com denso nevoeiro, não sabendo ao certo o que encontraremos mais à frente, sem podermos planejar um horizonte mais amplo.

Nessa perspectiva, diferente do que usualmente realizávamos, a Orientação de Aprendizagem do EFII, recém-estabelecida na estrutura do Colégio, viu-se desafiada a (re)construir maneiras e estratégias de acompanhamento das (des)aprendizagens dos estudantes, a partir da interlocução com os diferentes sujeitos.

De acordo com documento do Colégio Medianeira de 2014, "desaprendizagem depende crucialmente de ser capaz de identificar quais dos velhos conceitos e estratégias são ou não relevantes às novas demandas impostas por novos desafios à sobrevivência" (COLÉGIO MEDIANEIRA, 2014).





PRODUÇÃO DE HAICAIS – 8º ANO

Sob este viés do conceito de (des)aprendizagem, um processo de discernimento em equipe e com diferentes sujeitos da comunidade acadêmica foi imprescindível na perspectiva de saber como lidar com as ausências e as emergências que se apresentavam:

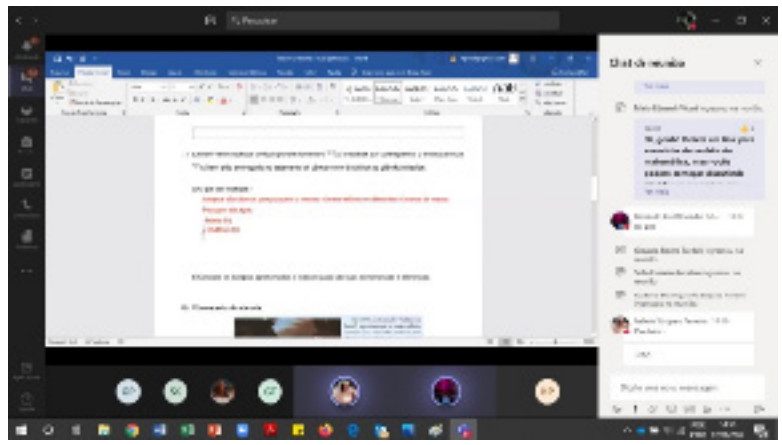
- A introdução abrupta de um meio digital que não nos era referência central em nossos encaminhamentos;
- A necessidade de rápidas soluções para dificuldades nunca antes vivenciadas;
- A inevitabilidade da aprendizagem mútua entre e com educadores(as), famílias e estudantes como forma de minimizar a inexperiência e o desconhecimento sobre o novo contexto do todo da comunidade acadêmica;
- As demandas de famílias pela apresentação imediata de métodos, metodologias e estruturas que remediassem o vácuo deixado pela retirada de nosso *modus operandi* presencial de fazer educação;
- A busca pela (re)organização dos espaços virtuais para que pudessem ter identidade própria e apropriada para um ambiente on-line, e não apenas uma submissão do contexto digital aos modos já consolidados de agir e proceder nos ambientes físico-didáticos do colégio;
- O imperativo de perceber que não teríamos soluções definitivas, mas, sim, soluções que sofreriam o rápido desgaste do atrito intenso provocado pelas relações e arranjos flexíveis/(re)configuráveis da velocidade do mundo virtual.

Nesse contexto de ausências e emergências, portanto, incorreu um processo de (des) aprendizagem implícito numa dinâmica de aprendizagem recíproca, de interconhecimento (SANTOS, 2007, p. 87).

Desde meados de março, o tempo tem sido de rasgaduras no tecido histórico tradicional do Colégio e de costuras em seus interstícios, de maneira a viver com intensidade, não apenas o presente inusitado, mas, também, o futuro pós-pandemia, com importantes legados do tempo corrente de atividades não presenciais.

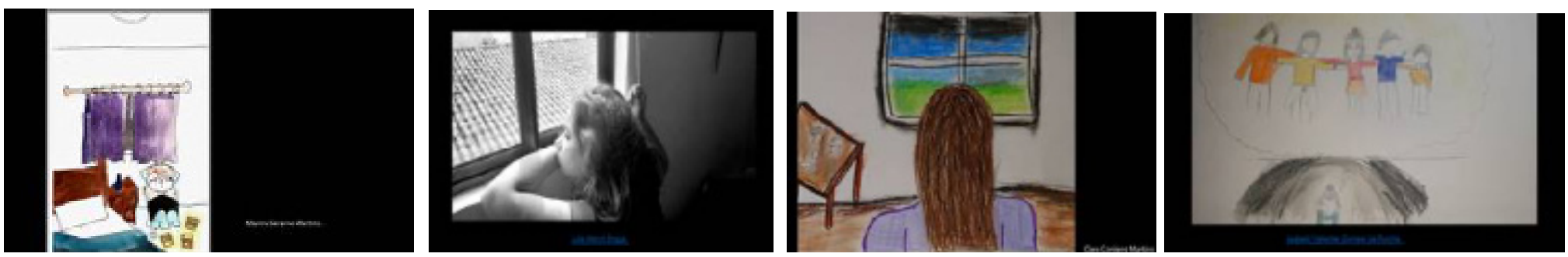
Com essa nova tessitura, o mosaico que se tem formado é construído, desde o período em que cessamos as atividades presenciais, em atuação interdependente e recíproca dos diferentes sujeitos envolvidos nesse cenário (educadores em geral, famílias e estudantes). Entre estratégias co-produzidas nesse período, em interconhecimento, podem-se elencar:

- Reestruturações de espaços virtuais — especialmente o Moodle — com reconfigurações e aperfeiçoamento do padrão dos cursos e das formas de acesso às aulas e atividades não presenciais;



GRUPO DE MONITORIA – 9º ANO

- Reorganização dos tempos e espaços de avaliações formais, considerando as diferentes faixas etárias e suas especificidades, de modo a observar as (im)possibilidades tanto dos formatos tradicionais do modelo presencial, quanto da hiperconectividade à internet e à sua inerente vastidão de informações disponíveis;
- Readequações no tempo efetivo de aulas, síncronas ou assíncronas, de modo a promover melhores aprendizagens via escuta contínua de estudantes e comunidade acadêmica do 6º ao 9º Ano;
- Ajustes na intensidade e na frequência das tarefas a serem realizadas fora do período efetivo de aulas, além da criação de tempos de retomada de atividades eventualmente não realizadas por estudantes em meio às dificuldades inerentes ao contexto de isolamento social;
- Reuniões semanais com estudantes e representantes de classe para maior aproximação e condicionamento de empatia entre sujeitos ocupantes de lugares distintos e complementares da tela do computador.
- Contatos e consultas frequentes às famílias em relação tanto a percepções do processo vivido nas casas, quanto de possibilidades trazidas pelas expertises singulares de pais e responsáveis em relação ao uso de tecnologias;
- A orientação permanente de acordos e construções coletivas do/com o grupo de professores(as) de cada série/ano, de maneira a proporcionar maior intensidade de ação em desafios identificados na relação com os estudantes e com os meios disponíveis para proporcionar aprendizagens;
- Motivação permanente à formação continuada do colegiado, bem como às trocas de experiências pedagógicas e ao compartilhamento de angústias e inseguranças para o fortalecimento das relações entre os educadores, especialmente ao considerar-se o contexto de isolamento e produção intensa e necessária de novas metodologias e abordagens de conteúdos;

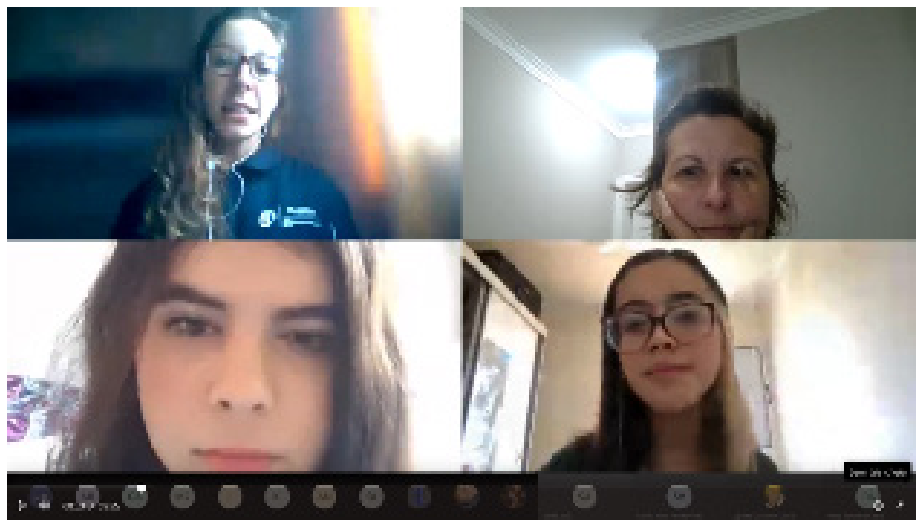


TRABALHOS REALIZADOS NA OFICINA DE ARTE - DO NÚCLEO DE LINGUAGENS, 6º ANO

- A abertura de novos canais de comunicação com estudantes, famílias e educadores de maneira mais fluída como forma de eliminar possíveis barreiras provocadas pelo distanciamento físico;
- A intensificação de parceria e composições cooperativas com diferentes setores/departamentos do colégio, especialmente Midiaeducação, para a constituição de novas ferramentas e espaços virtuais;
- A consolidação do ClipEscola como principal ferramenta de comunicação com estudantes e famílias, eliminando as antigas circulares e comunicados físicos;
- A remodelação cooperativa de estratégias de inserção da pesquisa no currículo escolar, em reconsideração/reformulação do trabalho de pesquisa como pensado tradicionalmente em modelo presencial, que muitas vezes excluía a tecnologia e suas possibilidades.
- O desafio de manutenção do sentimento de pertença em tempos de isolamento social, bem como a dificuldade de relacionamento entre os jovens, visto que a escola ainda é o principal espaço de convivência.

Além disso, em uma conexão entre o presente em meio a pandemia e o passado recente, visualizamos e valorizamos a condição de inserção curricular-metodológica-avaliativa de elementos e critérios pensados em documento norteador das aprendizagens nas quatro séries/anos do EFII: o Mapa das Aprendizagens.

Com esse documento como pano de fundo buscamos consolidar a inter-relação entre as diferentes dimensões sintetizadas nele — espiritual-religiosa, cognitiva e socioemocional — não apenas buscando cotidianamente (re)contextualizá-las no momento vivido, como também destacando (re)aprendizagens que são/podem ser acopladas nesse universo multidimensional a partir de observação empírica da nova realidade. Dentre essas (re) aprendizagens destacamos o EFII:



Interação dos estudantes do 7º ano do Colégio Medianeira, ETE, Loyola e Jesuítas.

- A afirmação da autoria do(a) estudante desde o 6º ano em meio à vastidão informacional disponível nos meios digitais e à facilidade de acesso a pensamentos outros. (Nesse sentido tem se intensificado a provocação à utilização de metodologias e desafios que busquem soluções criativas e menos reprodutoras de conteúdos disponíveis tão meramente a um clique de distância);
- A noção de imprescindibilidade de todos e cada um em nossa Casa Comum enquanto responsáveis, individual e coletivamente, pelos rumos que toma a humanidade como parte indissociável da natureza;

- O aprender a relacionar-se com novos conhecimentos por meio da utilização de mecanismos digitais potencializadores do aprofundamento dos/nos estudos para além dos recortes trazidos por educadores em suas aulas/abordagens curriculares;
- A organização de rotinas e métodos de estudos que considerem as possibilidades do mundo virtual como intensificadoras da sistematização do conhecimento, com foco no seu processo de autonomia.
- A aprendizagem da convivência individual, no aprofundamento do autoconhecimento para o reconhecimento das próprias lacunas e potencialidades via intensificação de momentos de autoavaliação e reflexão.
- A aprendizagem da valorização da convivência e cooperação com pares para a produção de conhecimento via interação e para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais;
- A aprendizagem acerca de possibilidades de relacionamento com colegas fora do ambiente escolar presencial, de forma a propiciar encontros mais frequentes no dia a dia de trabalhos e tarefas escolares;

9º ano - Releitura do espaço de aulas para formato de maior interação entre estudantes, com possibilidades por parte dos professores.

Dessa maneira, conclui-se que vivemos em um momento de (des)aprendizagens que nos conduzem a aprendizagens mútuas, na complementaridade de conhecimentos e experiências de vida, que nos trazem novas perspectivas de conhecimento, emergentes das rupturas que o presente impõe nas tessituras do passado.

Que possamos, em meio ao que se desconfigura, reconfigurar um novo modo de fazer educação, que aponte para aprendizagens significativas e consideradoras do protagonismo de todos e todas que compõem o grande organismo vivo da escola, capaz de cicatrizar em si mesmo suas feridas, não de modo a reconstituir o passado, mas de maneira a apontar para o devir em constante processo de regeneração.

Sabedores que somos capazes de nos reinventarmos de maneira permanente, independentemente do contexto que a nós apresentar-se, sigamos, como orientadoras/orientadores, juntos como unidade do 6º ao 9º ano do EFII do Colégio Medianeira.

A reestruturação dos espaços e tempos das aprendizagens

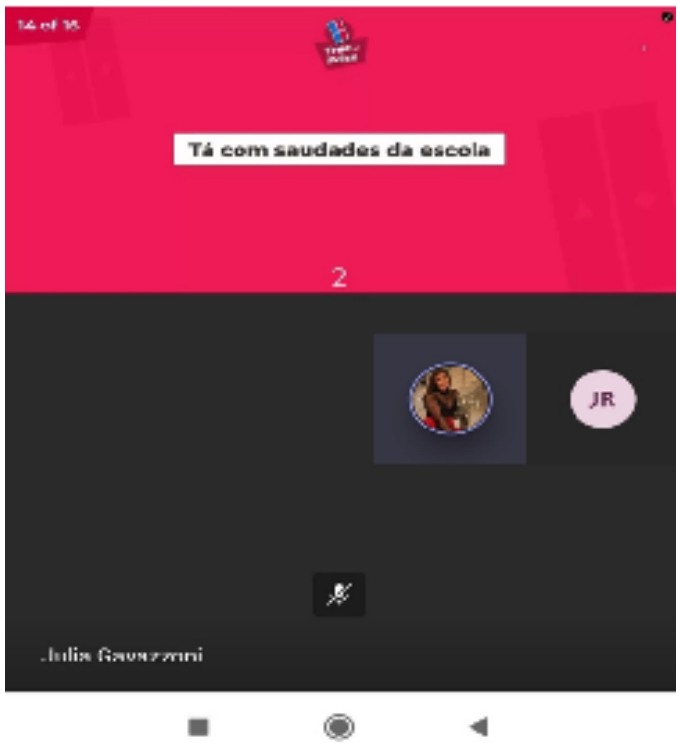
— POR CARLOS H. T. HELVIG

— POR ROBERTA UCEDA

O **Ensino Médio** oferece, em si, grandes desafios no o que e como aprender. Desafios não somente comuns aos estudantes, mas também aos educadores, familiares e responsáveis. Esse é o momento formativo, intelectual e socioemocional em que o adolescente consolida a capacidade de construção de conceitos abstratos, por exemplo, a ideia de amor, justiça ou democracia. As operações mentais seguem os princípios da lógica formal e adquirem flexibilidade de pensamento com a capacidade de formular hipóteses, além de outras habilidades cognitivas, centrais para a habilidade investigativa.

Por isso, nessa fase, é tão comum a crítica aos sistemas e aos padrões estabelecidos; a crítica aos valores sociais; aos códigos de condutas e, inclusive, a constante contraposição aos valores dos pais e mães, sempre com novas formas de relação e interação. Todo esse movimento juvenil pavimenta, nesta faixa etária, a autonomia do pensamento e da ação. A interação social é de extrema importância nesse processo, pois, entre os jovens, significa validação coletiva nessa busca por AUTONOMIA. Essa nova forma de ver e (re)pensar o mundo é essencial para a construção de uma IDENTIDADE própria, o que leva, às vezes, à contraposição de opiniões entre os jovens e seus amigos, educadores e familiares.

Mas como essas aprendizagens se dão num contexto de distanciamento social? Ao ficarem em casa, quais as aprendizagens são essenciais para que os adolescentes — estudantes do Ensino Médio — continuem se desenvolvendo integralmente na dimensão ética, social, cognitiva, espiritual, social e emocional? Quais aspectos pedagógicos e atenções didáticas são fundamentais, nesse período de isolamento, para que nossos estudantes aprendam? Como continuar proporcionando a formação integral, princípio e fim das práticas educativas no Colégio Medianeira e na proposta pedagógica jesuíta?



SALA DE RECREIO – 1ª SÉRIE – CONDUÇÃO REPRESENTANTES DE TURMA

Para continuar a proporcionar esse processo de acompanhamento e mediação das aprendizagens, os espaços e os tempos das aprendizagens foram reestruturados e ressignificados no início de abril, no Colégio Medianeira como um todo, para responder aos desafios das aprendizagens nesse contexto de distanciamento social. Temos uma certeza: as principais dificuldades atuais dos estudantes do Ensino Médio orbitam ao redor de questões socioemocionais, de método e orientação na organização pessoal das demandas diárias de estudo.

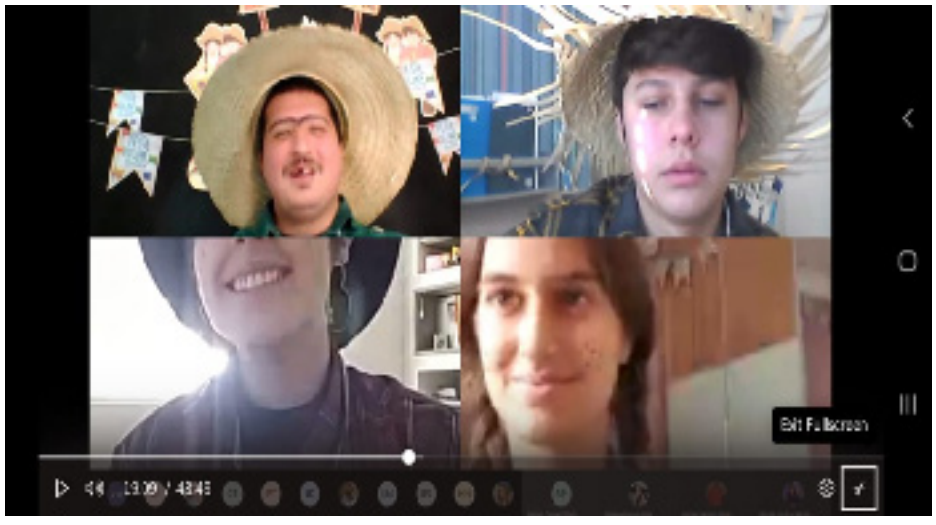
Em uma atividade de avaliação e autoavaliação realizada com os estudantes do EM, uma estudante da 1ª Série se expressou sobre esse momento de aulas on-line, afirmando que "a maior dificuldade que estou tendo nesse período é a falta que sinto da interação com colegas e professores". Essa interação social citada, nessa faixa etária, contextualiza os conhecimentos e oferece significado às aprendizagens. Por isso, apostamos numa pedagogia do cuidado e da aprendizagem da resiliência no sentido de manter viva a esperança de uma melhora gradual da situação em que nos encontramos.

Por isso, torna-se imprescindível, mesmo que brevemente, nomear algumas aprendizagens geradas, ou seja, aquelas consideradas pela sua significância nesse momento único e simbólico que é o de isolamento social e de aulas on-line. Com foco nos processos de aprendizagens dos nossos estudantes, perpassamos a base do projeto pedagógico em curso, ilustrado pela Formação Integral sintetizada no Mapa de Aprendizagens. Assim, considerando as características dos nossos jovens (Ensino Médio), é essencial destacar como aprendizagens geradas nesse momento:

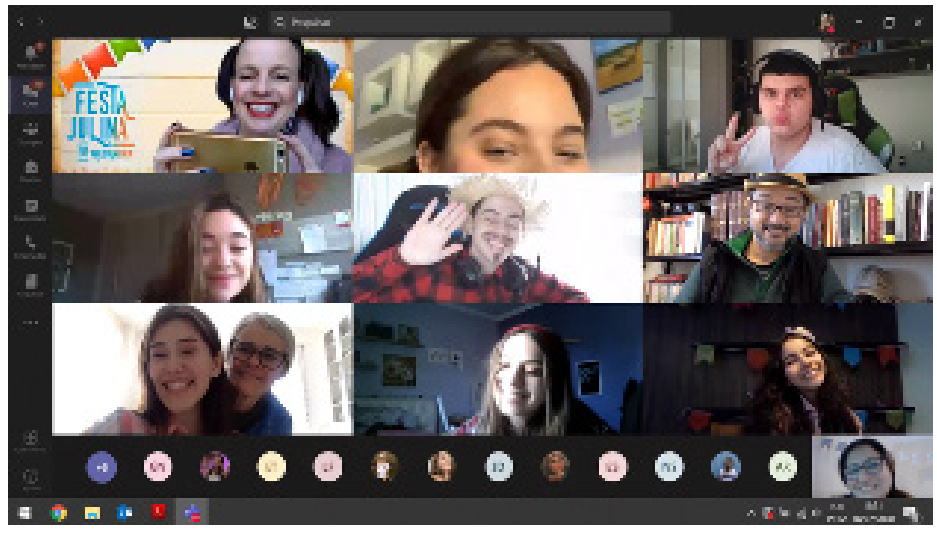
- **O aprender a aprender no campo da interação e do vínculo** por meio de novas formas de estudar e se relacionar com os colegas e educadores. Essa tem sido uma aprendizagem central nas práticas mediadoras de educadores e equipe no dia a dia do ensino on-line, dentro do nosso colégio;

- **A aprendizagem sobre a importância da relação humana e socioemocional ligadas às lacunas que a ausência do outro desvendou** no processo de aprendizagem acadêmica, dos conteúdos escolares e habilidades intelectuais. Tal aprender evidenciou-se, principalmente, nas atividades interativas não formais (lives com orientação/representantes de sala/com Centro de Pastoral...), isto é, o valor absoluto das relações humanas saudáveis como caminho necessário para a construção de conhecimentos teóricos, emocionais e acadêmicos.

- **A aprendizagem sobre o conhecimento como lugar/espaço de construção cooperativa/coletiva.** Conforme o tempo escolar on-line foi se estendendo, os momentos de interação, acompanhamentos e mediações têm sido fundamentais na construção de laços interativos dos estudantes com os conhecimentos coletivos. Por exemplo, estratégias de partilha (em lives) de anseios, preocupações, esperanças, incertezas, expectativas... entre os estudantes, tornou possível uma aprendizagem emocional que, mesmo mediada pela tecnologia, possibilitou posturas de ajuda mútua e cuidado. Ao mesmo tempo, produções coletivas de glossários, dicionário de conceitos, produção de texto (estilo Wiki), etc., em vários componentes curriculares, constitui uma forma colaborativa de construção de conhecimento que parte do indivíduo para o outro como construção coletiva.



Interação sábado letivo – 1ª série – Festa Julina



INTERAÇÃO FESTA JULINA – 2ª SÉRIE

- **A aprendizagem acerca da responsabilidade frente às exigências e autonomias** características do estudo on-line e das aprendizagens menos tuteladas. Como foco estratégico nos componentes, a responsabilidade pessoal e coletiva frente ao próprio conhecimento e dos outros permeiam as atividades diárias e formativas. O princípio da empatia sustenta o cuidado com os adolescentes em suas dificuldades de estudo e aprendizado em tempos de instrução on-line. A flexibilização, por parte dos educadores, dos processos de ensino, aprendizagem e avaliação, historicamente mais penosos aos estudantes, indicam esta empatia pulsante entre os docentes de todas as áreas.

- **A aprendizagem do olhar para si mesmo e a busca pela reconexão com o sentido da própria existência** tangível à dimensão espiritual e intrapessoal. Na dimensão do ser e do aprender ser, as reflexões semanais com estudantes e educadores tendo por foco a Pausa Inaciana, reflexões sobre esperança, alternativas de comunicação cuidadosa e escuta ativa, o sentido espiritual do momento em que estamos... todas essas frentes temáticas, aos serem tratadas e discutidas com os adolescentes, constituem-se em práticas de mediação e aprendizagem que poderão e deverão se estender, com maior sistemática, no retorno às aulas presenciais, pelo aperfeiçoamento evidente da resiliência, comunicada por vários estudantes.

SIMULAÇÃO ONU COLEGIAL – 1ª SÉRIE – SEMANA

Assim, como estabelece o Projeto Educativo Comum da Rede Jesuíta de Educação (PEC, 2016), no artigo n.º 36, "o estudante é o centro do processo educativo" e, por isso, as práticas de acompanhamento e orientação, mesmo a distância, perpassam pela escuta permanente, ativa, generosa e empática dos estudantes, das famílias e dos professores. Por isso, as aprendizagens geradas e sintetizadas anteriormente são materializadas nas lives de interação com os representantes de sala; reuniões em pequenos grupos organizadas pelos representantes com sua turma e o Orientador de Aprendizagem; as orientações de turma; os grupos de estudo realizados com os monitores de cada disciplina em parceria com os

representantes de turma; trabalho formativo sobre projeto de vida e orientação profissional; as lives em todas as disciplinas, além das aulas gravadas; os momentos de interações livres da Sala de Recreio; as atividades, reflexões e acompanhamento possibilitados pelo Centro de Pastoral (Crisma e Monitorias), dentre várias outras estratégias do Ensino Médio, apontam e concretizam, diariamente, o cuidado com cada estudante e todas as pessoas envolvidas no processo de aprendizagem.

INTERAÇÃO – 3ª SÉRIE

Ainda assim, sentimo-nos desafiados a buscar novas estratégias e possibilidades que favoreçam maior interação e acolhimento aos nossos estudantes. O contexto tem trazido exigências em várias dimensões, mas destacamos o cuidado com os processos de aprendizagem, reconhecendo algumas dificuldades de caráter cognitivo e socioemocional apresentados por vários sujeitos, bem como a necessidade de maior autonomia e maturidade ao encarar suas atribuições enquanto estudantes nesse novo modelo de aulas não presenciais.

Alguma inquietação se mantém no bojo de nossas atribuições e sentimentos: como poderemos acompanhar de fato as aprendizagens de nossos estudantes nesse momento? Como garantir que as estratégias propostas deem conta daquilo que tanto prezamos como missão de Educação? São sentimentos que nos vêm e consideramos importante discutir e identificar formas que garantam a nós maior percepção de como efetivamente esses processos estão se dando para os estudantes.

Com leveza e clareza de encaminhamento e projeto, as estratégias e os processos visam, principalmente, à qualificação permanente das aprendizagens com oportunidade, inovação e criatividade no uso das novas formas de aprender nesse momento remoto, cuidando sempre da pessoa, tanto na dimensão cognitiva, quanto na inclusão e cuidado emocional.

A educação infantil e o ambiente virtual de aprendizagem

— POR ANA PAULA CORREIA
— FABÍOLA JÉSSICA DA SILVA GODOY PEREIRA
— LIANE COSTA CURTA PRETI
— MARIA RAFAELA DE LIMA

Em 11 de fevereiro de 2020, iniciamos o ano letivo na **Educação Infantil** do Colégio Medianeira, um momento de muitas expectativas e ansiedades. Para algumas crianças e famílias, o começo de uma nova etapa, para outras, um momento de rever os amigos e matar as saudades!

Nesse tempinho que estivemos juntos, vivemos momentos únicos e especiais! Estávamos ainda estreitando laços e conhecendo as particularidades de cada um, para trilharmos experiências e vivências nos espaços do colégio.

Mas o inesperado aconteceu e o que não foi previsto para o ano letivo de 2020 nos surpreendeu e tivemos que nos reinventar. Desde 20 de março, fizemos do uso das telas um novo contexto de experiências e aprendizagens, sempre mantendo como foco as BRINCADEIRAS E INTERAÇÕES, proposta pedagógica da Educação Infantil. Todas as vivências foram pensadas e repensadas a fim de garantir os direitos de aprendizagens, brincar, interagir, participar, expressar-se, conviver conhecer/conhecer-se, assim como proporcionar momentos de escuta das crianças e das famílias para podermos ressignificar nossas práticas.

Diante do contexto, pensamos em estratégias em que as crianças participassem ativamente da sua construção, considerando a criatividade e a curiosidade, proporcionando um clima lúdico no ambiente virtual de aprendizagem. As primeiras atividades foram

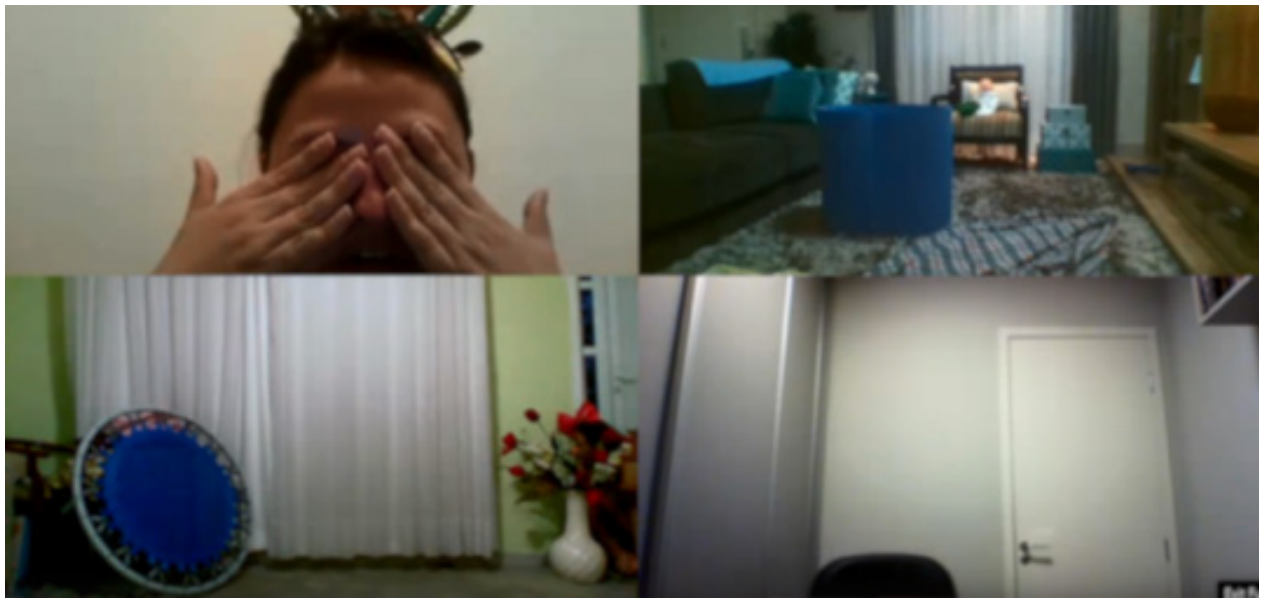
planejadas pelas educadoras. No decorrer do processo, as crianças puderam participar deste planejamento ativamente, ganhando voz e atuando como protagonistas, ampliando seu universo de aprendizagens/conhecimentos diante de estratégias com as diferentes linguagens, evidenciado a linguagem e as habilidades digitais. A partir disso, as crianças ganharam um espaço para criar, explorar e interagir com os seus familiares, colegas e educadores.

Possibilitar o brincar por meio do ambiente virtual de aprendizagens nos trouxe um grande desafio, que aos poucos foi vencido e construído junto com as crianças. Ouvi-las nos ajudou a traçar caminhos, na garantia dos direitos de aprendizagem e na construção de repertórios significativos.

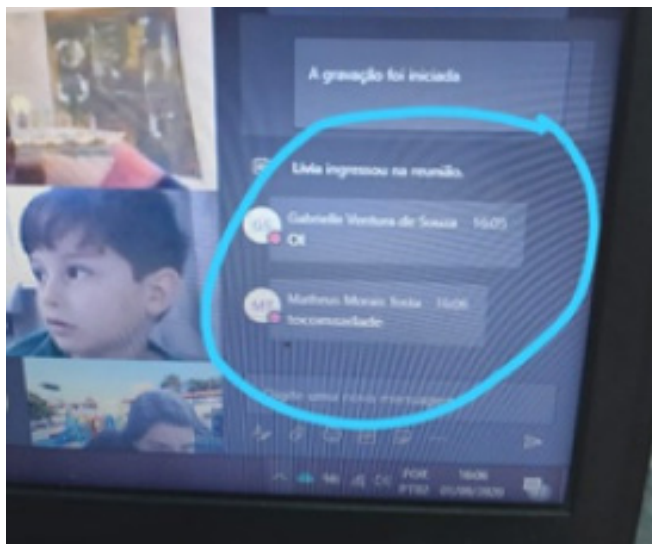
Como protagonistas e investigadoras, as crianças descobriram e deram novos significados nas suas relações, descobrindo uma nova forma de interação, agora de maneira digital! E não menos importante e significativa, pois estes momentos foram construídos para que se sentissem confiantes, confortáveis, estimuladas e respeitadas no seu processo de descoberta do mundo!

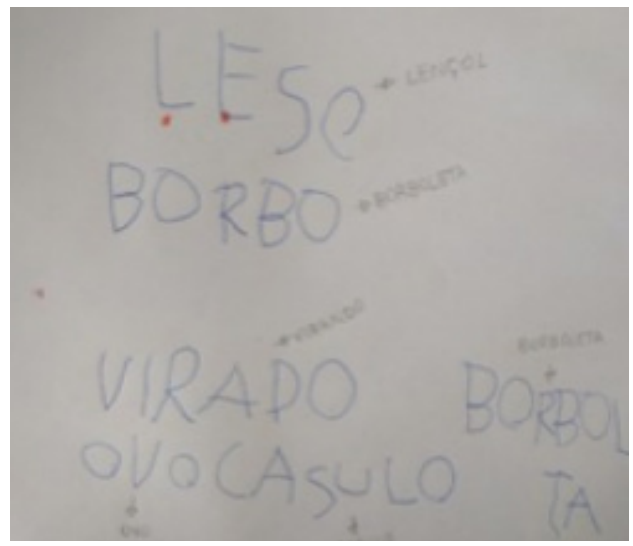
A ressignificação do vínculo afetivo entre as crianças e os educadores no ambiente virtual de aprendizagem foi essencial para o processo de aprendizagem. As crianças se apropriaram com muita rapidez das linguagens digitais, ligando e desligando a câmera e o microfone, pedindo a vez para falar, comunicando-se com espontaneidade e segurança, entendendo aquele espaço como seu e do qual faz parte. Algumas venceram a timidez e conseguiram interagir com os colegas e educadores. Outras conseguiram ouvir mais, percebendo a necessidade de respeitar esses momentos, questões estas trabalhadas no ambiente presencial, que tiveram um outro significado entre os sujeitos.

Nesse sentido, pode-se perceber o desenvolvimento da oralidade, pois a comunicação no ambiente virtual de aprendizagens é muito mais intensa. Além do diálogo estabelecido entre os pares e educadores, tiveram oportunidade de criar e recontar histórias, cantar, brincar de faz-de-conta, se fantasiar e dançar. E quem diria, até a brincadeira de esconde-esconde foi reinventada. Os traçados nos desenhos e o esquema corporal tiveram avanços significativos, sendo possível observar por meio dos registros apresentados nas plataformas digitais e trazidos com satisfação pelas famílias.



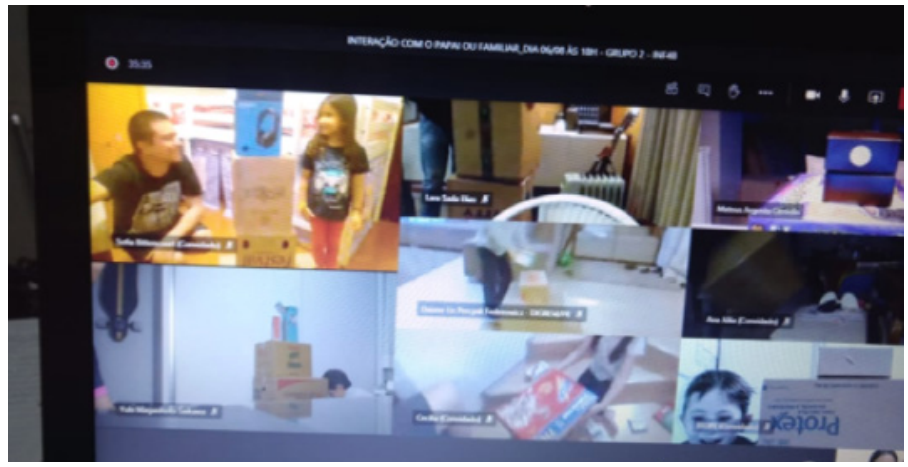
A função social da escrita ficou evidenciada neste ambiente, algo sempre presente nas atividades presenciais, agora com novas proposições, com o uso do chat. Descoberto pelas crianças em um primeiro momento com o uso de emojis, que aos poucos foi se transformando em palavra escrita. E, a partir destas vivências, surgiram os projetos sobre leitura e escrita nas turmas do Infantil 5, como "Da escrita pictórica à escrita alfabética". E assim as crianças destas duas faixas etárias estão se arriscando nas experiências da escrita.





Foi muito importante neste momento contar com a parceria e a mediação das famílias, nesse período em que não pudemos enxergar tudo o que gostaríamos através dos nossos olhos! Elas nos ajudaram a perceber e compor a trajetória das crianças, que são o nosso bem comum, com suas singularidades e conquistas. E, por sua vez, também as ajudamos a perceber que nossas crianças aprendem não somente no ambiente escolar, mas nos diversos espaços de interações vividas e especialmente nesse momento de isolamento, aprenderam em suas casas, com as pessoas de seu convívio. É uma relação fundamental para que a ideia de "perda da aprendizagem" nesse período não se mantenha. Outro ponto a ser destacado é a questão da organização das famílias, se evidenciando no ambiente remoto pelos seus esforços ou pela necessidade de se estabelecer minimamente uma rotina.

É o momento de refletir sobre as diversas aprendizagens nesse período de pandemia e, assim, pensar em como dar continuidade a todos esses processos vividos, retornando ou não de forma totalmente presencial ou no modelo híbrido, uma organização e estrutura que reconecte a todos nós (crianças, famílias e educadores) novamente à escola (enquanto espaço físico), que favoreça as trocas dessas experiências e, ao mesmo tempo, o acompanhamento das aprendizagens das crianças. Novamente iremos nos reinventar, oportunizando diferentes vivências de brincadeiras, interações e explorações, sem deixar de lado também os recursos tecnológicos que agora conhecemos melhor e fazem parte desse novo contexto.



Aprendizagem com significado e vivência

— POR KELLY CORDEIRO MARTINS
— ROMIE CHIARELLY MENDES

2020 ficará registrado na história como um período de fragilidades e fortalezas que uma pandemia representa para a humanidade. Momentos de incertezas e medo, mas também de superação e amor ao próximo.

Frente a esse contexto, nosso projeto ganhou ainda mais força, pois somos parte da Rede Jesuíta, acreditamos na formação de excelência do sujeito, em sua formação humana e acadêmica, na formação de sujeitos compassivos — em ser solidários, olhar o próximo com sensibilidade; conscientes — responsável, por si com o próximo e com o ambiente, ser capaz de fazer a diferença; competentes — ter a capacidade de adquirir as competências de cada etapa vivida e usufruir de forma responsável para si e para o próximo; e comprometidos — comprometido consigo, com o próximo com o meio em que vive. E, principalmente, tratar a realidade em sua complexidade, considerando todas as suas dimensões.

Complexidade vem do termo "Complexus - o que é tecido junto" (Morin,1997, p. 44). Nada se encontra isolado, somos influenciados e influenciadores. Pensar complexamente é considerar que tudo está ligado a tudo, ou seja, numa rede de conexões. Ao contrário do pensamento linear (fruto da ciência clássica), que é incapaz de entender a desordem pura e é pautado exclusivamente pela ordem, o pensamento complexo religa as fronteiras entre as disciplinas do conhecimento e os compartimentos estanques.

Refletimos mais do que nunca sobre nosso papel, sobre qual sociedade desejamos e que cidadão queremos formar. E as aprendizagens passaram a acontecer no ambiente virtual. Nossos quadros de sala de aula se transformaram em computadores, nossas casas viraram salas de aula, as casas dos estudantes passaram a ser escolas, e os pais também se tornaram educadores. Essa é a nossa nova realidade.

O maior desafio das **séries alfabetizadoras** tem sido propor estratégias contextualizadas e do interesse dos estudantes, pois, com essa faixa etária, o lúdico e o concreto precisam estar presentes. Percebemos que nesse processo existem dificuldades, pois o contato com o estudante transforma o vínculo. E nós acreditamos que o vínculo é o principal meio para atingirmos uma alfabetização e aprendizagem efetivas.

Para nós, a criança está em desenvolvimento e aprende o tempo todo, logo a alfabetização pode prosseguir em casa com a ajuda das famílias. Acerca da família, elas precisaram ser nossa maior aliada nesse processo, pois agora são a referência que a criança tem para os trabalhos escolares. Porém, essas famílias também precisaram de um tempo de adaptação, pois suas rotinas foram afetadas.

Mesmo com as aulas on-line, nosso desafio foi criar estratégias diversificadas para que a criança continuasse o processo de alfabetização. Nas séries iniciais do Medianeira, todos os dias a criança tem duas interações de 45 minutos cada, uma aula com a educadora regente e outra aula do currículo.

A alfabetização é um processo diário, no qual trabalhamos diferentes contextos para a construção do conhecimento, fazendo com que a criança se perceba no mundo como um sujeito histórico. Segundo o PEC,

> Garantir a aprendizagem integral exige da escola, hoje, a compreensão de que o contexto mudou, os educandos aprendem de formas e tempos distintos, em espaços que não se limitam ao escolar, exigem respostas individualizadas, diversos modos de fazer e de mediar a construção do saber, oportunizando vivências que atendam a diferentes necessidades (PEC nº 41, p. 49).

Antes mesmo de ingressar na escola, a criança já está inserida em um contexto alfabetizador, cercada por diversas formas de cores e imagens, ela opera com a linguagem: fala e usa a linguagem oral com desempenho para interagir nas diversas situações da vida. Esta criança aprendeu a falar e a entender o que falam passando por um processo de aquisição da linguagem sem que houvesse a necessidade de sistematização de qualquer conteúdo da língua, apenas a exposição e a interação com a mesma. Com ela escrita é um pouco diferente, e faz-se necessário um trabalho intencional. Assim, por meio de sua curiosidade e observação, desperta o interesse e aos poucos passa a compreender o valor social da escrita.

O trabalho com a alfabetização é permeado pelas diferentes linguagens e com estratégias que possam desenvolver o prazer da leitura e escrita. Durante as séries iniciais, trabalhamos para que a criança busque sentido e significado para leitura e escrita, percebendo sua função social por meio de diferentes gêneros literários.

Exemplos: jogo do bingo virtual com os personagens do folclore, músicas como "o galo e a galinha" e a "casa", confecção do bichonário virtual, trava-língua, adivinhas, poesia, receita, mapas, o plantio do feijão e a alfabetização matemática, por meio de literatura, como jogos, situações-problema e materiais estruturados como réguas numéricas.

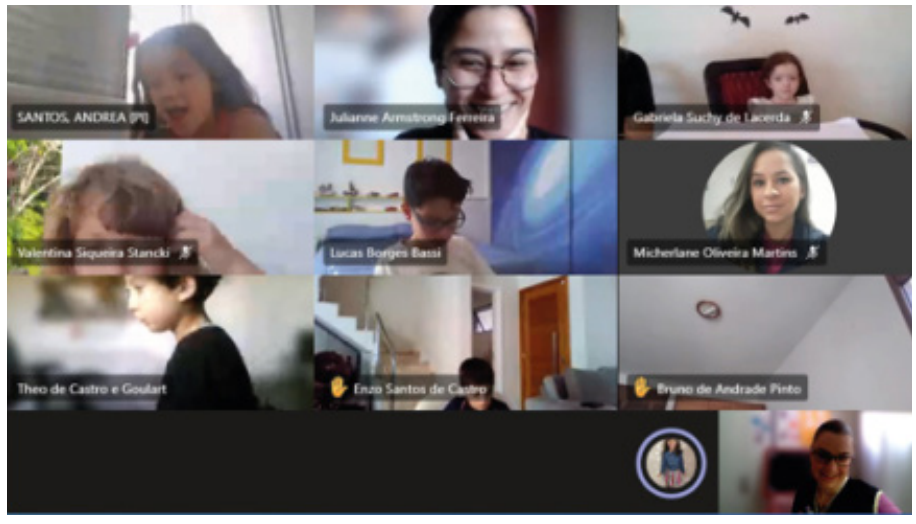
A literatura também foi uma importante aliada e buscamos trazê-la para o universo dos nossos estudantes. Uma vez que, devido às aulas remotas, eles estão em casa, sem a possibilidade de frequentar as bibliotecas, realizamos o convite para um autor estar com nossos alunos em nossas interações, valorizando as aprendizagens, incentivando a leitura, as tentativas de escritas, o mundo da imaginação e o contato com o escritor.

A literatura é algo mágico para crianças e adultos. Por meio dela, desenvolvemos diferentes habilidades como memória, imaginação, entre outras... e muito mais do que isso: a criança em contato com o mundo literário cria memórias afetivas sobre as histórias que a impulsionam a se tornar um sujeito leitor.

Existe um sentido único ao receber o autor do livro em nossa aula, mesmo que virtual. Para as crianças, significa ver que é alguém real e que podemos ter uma interlocução com ele. Dessa forma, elaboramos um convite e pensamos em muitas perguntas: a curiosidade é a marca dessa faixa etária.

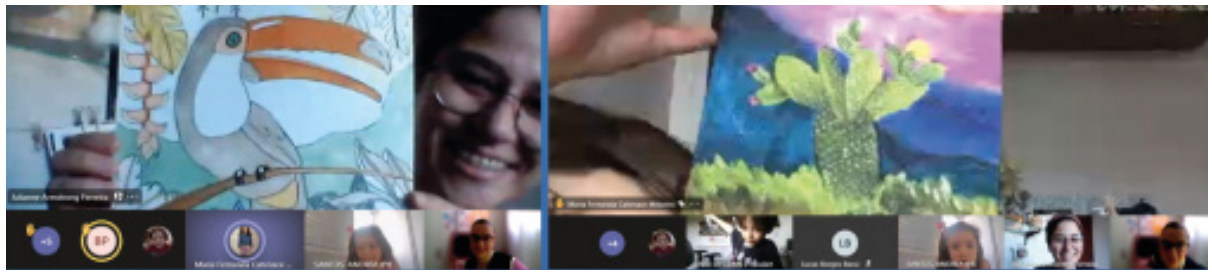
Esse trabalho foi relacionado aos diferentes componentes da série, pois sabemos que a poesia, como o haicai, trabalha nossos diferentes sentidos. Integramos, assim, Ciências (a natureza presente no haicai), Arte (ilustração e sensibilidade), Ensino Religioso (sentimentos de cuidado, estima, empatia), Matemática (número de livros escritos, páginas do livro), História e Geografia (onde esse autor mora, nossa cidade, seu bairro).

E assim construímos uma aprendizagem com significado e vivência!



Em tempos de aulas remotas, o significado do trabalho precisa estar claro para as famílias e estudantes. Isso foi o que buscamos em nossas estratégias e vivências.

Desde o início das interações virtuais, percebemos que o cuidado com as crianças e famílias precisava ser redobrado nesse novo ambiente, todos estavam necessitados de atenção. As orientações e estratégias para trabalhar as dimensões sócio-emocional e espiritual-religiosa foram fundamentais nesse processo, como: emocionômetro, pote da gratidão, trabalhamos a "Pausa Inaciana", na qual aprendemos sobre a vida de Santo



Inácio e sua importância para nosso Colégio. Falar sobre nossas emoções e sentimentos por meio do escorregador das emoções foi outra estratégia fundamental para que os estudantes pudessem perceber a importância de reconhecer e nomear seus sentimentos, o sorteio do Amigo Secreto Magis, se destacando a questão da interlocução de escrever algo para alguém e a campanha do 1º Ano, na qual as famílias e toda comunidade educativa foram envolvidas.

As crianças fizeram cartazes e deram sugestões sobre como divulgar a campanha. E aqui está outra característica importante para o educador neste momento: escutar o que nossos estudantes nos dizem. E pensar sobre o porquê nos dizem... quais relações estabeleceram, quais curiosidades sobre essa proposta de aprendizagem.

Esse é o nosso maior desafio, enquanto educadores alfabetizadores: construir significado e sentido para a aprendizagem, independente de qual seja o ambiente.

Novas estratégias em tempos de pandemia

— POR JULYA HELENA SEVERA

— FRANCIELI PALEVODA

— ELIANE BARRETO MAIA SANTOS

Pensando em letramento e no atual momento na educação, temos que refletir sobre a capacidade de nossos estudantes em se adaptar ao novo contexto e às novas possibilidades, considerando a continuidade de aprendizagens. Nesse momento, saímos de nosso espaço, que nos dava uma certa segurança de como trabalhar com as crianças, a sala de aula, o espaço físico da escola, e tivemos que trilhar caminhos virtuais, por meio do uso de ferramentas pouco conhecidas, subutilizadas ou até desconhecidas, tanto por estudantes quanto para os educadores. Também foi necessário aprender a lidar com as emoções e com os sentimentos que surgiram nesse contexto de isolamento social, com uma rotina que foi quebrada de forma brusca e uma adaptação de relações com colegas e família.

Na **primeira fase do Ensino Fundamental I**, do 1º ao 3º ano, conseguimos experienciar novas estratégias de leitura, oportunizando maiores aprendizagens de compreensão. A dependência da decodificação existia, mas, para os estudantes, veio a necessidade de usar todo o conhecimento para compreender e participar de uma escola que agora se tornou virtual.

Novas leituras de mundo surgiram e novas possibilidades. O Moodle virou nossa sala de aula, juntamente com o Teams. Com tais ferramentas vieram novos códigos, que precisavam ser "decifrados", lidos, interpretados... A literatura foi grande aliada no processo de aquisição da leitura. O trabalho permeou o processo criativo, a exploração do vocabulário, o direcionamento de estratégias de leitura, aprendizagem de gêneros textuais, assim como aprendizagens socioemocionais.

A diversidade de gêneros explorados durante a leitura e escrita assumiram diferentes formas, ficando a serviço das necessidades do contexto. Nossos estudantes foram desafiados enquanto leitores e escritores a vivenciarem também experiências pautadas em gêneros digitais, processo que vem tomando corpo ao longo das propostas. Ler e escrever no contexto atual tomou uma nova forma e a ampliação do trabalho com a diversidade de linguagem é um ganho inestimável.

Para desenvolver o letramento matemático, trabalhamos com diversos conceitos e suas aplicabilidades, múltiplas estratégias, jogos interativos envolvendo conceitos como a tabuada e as quatro operações. Esse processo de gamificação promove uma aprendizagem proativa, nos ajuda a desenvolver metas para os estudantes e provoca o engajamento na busca pelo conhecimento, pois a criança e nós, educadores, gradativamente, conseguimos perceber suas capacidades e limitações e, assim, ajudá-los no seu desenvolvimento intelectual.

Para o trabalho com as operações, os 3º e 4º anos exploraram as estratégias alternativas, que estimulam o cálculo mental e a decomposição; o 5º ano transitou pelos algoritmos usuais da adição e subtração, decomposição para multiplicação e divisão. No terceiro trimestre, os algoritmos usuais da divisão e multiplicação serão apresentados e explorados de melhor forma no 6º ano.

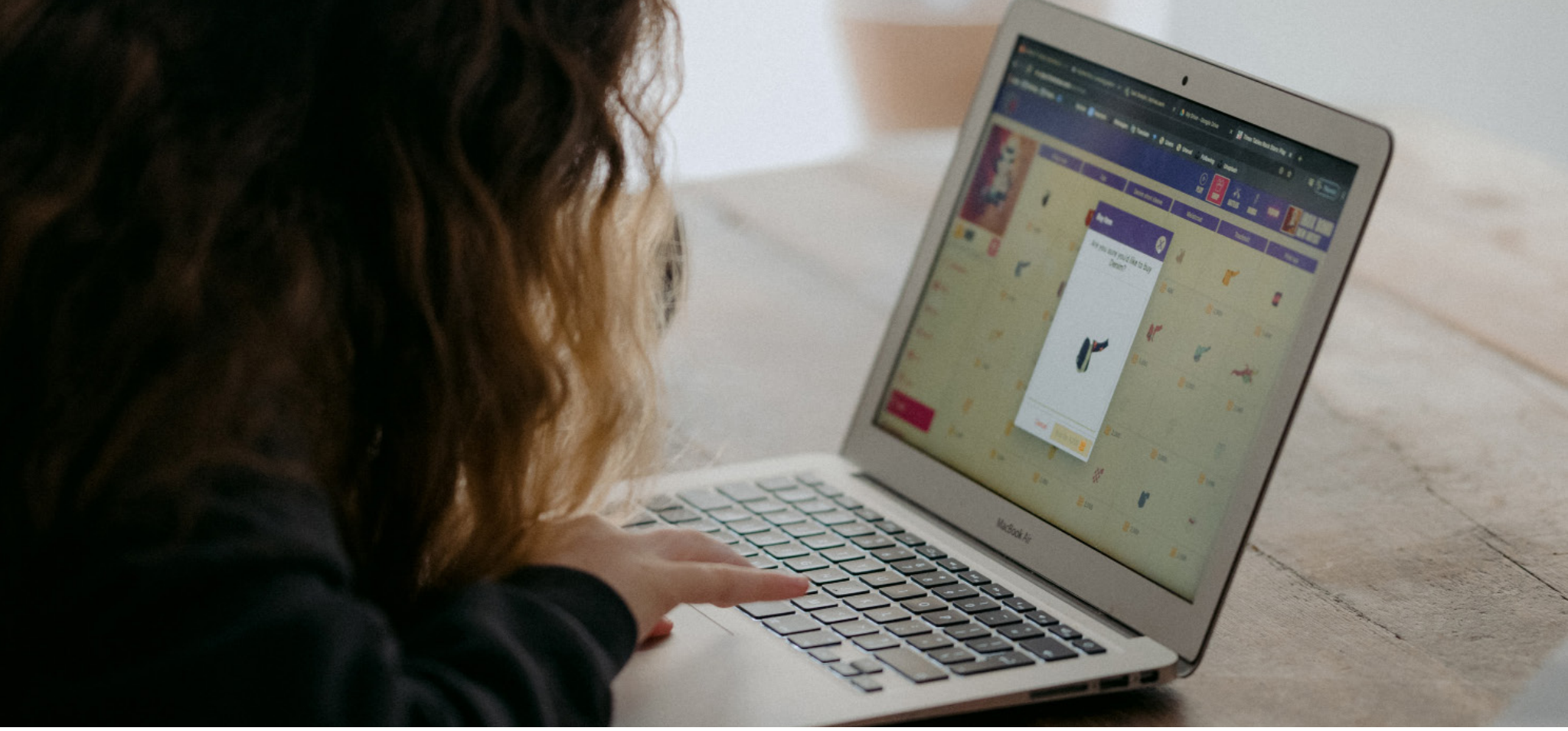
A aprendizagem é percebida durante as interações e por meio dos relatos das famílias. Sabemos que algumas crianças apresentam rendimento menor e que sentem dificuldades, assim como na modalidade presencial. Temos a Oficina de Aprendizagem como recurso para retomar os conteúdos e oportunizar momentos mais individualizados.

Logo nossas crianças, mostraram que estão para além da alfabetização, pois apresentam comportamentos e habilidades de leitura em novas práticas sociais que se tornaram necessárias (Magda Soares: https://bit.ly/2L41FpL).

Nossos estudantes demonstram avançar na leitura e escrita, vivendo em um novo espaço e com práticas diferentes. Nossas crianças desenvolveram habilidades para transitar entre diferentes aplicativos e ferramentas virtuais, usar o teclado de um notebook ou escrever usando teclados virtuais de tablets e smartphones e, assim, aprenderam a interagir e desenvolveram novas estratégias, como anexar arquivos, perceber respostas incoerentes...

Para os educadores, uma grande dificuldade do momento é avaliar a prática de escrita, pois, nesse novo espaço, as crianças estão escrevendo menos de maneira manuscrita. Mas, em contrapartida, percebemos grandes aprendizagens em relação à digitação, que também tem seus códigos específicos.

Todos esses avanços em relação ao espaço virtual e uso de ferramentas tecnológicas são aprendizagens novas e que não eram alcançadas no ensino presencial. A grande oportunidade será no retorno de um presencial mais parecido com o antigo "normal" e a continuidade de uso dessas novas possibilidades para o desenvolvimento de aprendizagens.



A pandemia e o deus *ex machina*

— POR ALEXANDRE MARTINS

Tanto na Grécia Antiga como também no Império Romano, *deus ex machina* (**ἀπὸ μηχανῆς θεός**) é uma expressão utilizada no contexto cênico-teatral para retratar alguma estratégia criada, repentinamente, para solucionar uma situação ou simplificar um enredo. Apesar de tratar-se de uma expressão antiga, cunhada para um contexto bem específico, não há dúvidas de que ela tenha muito a nos dizer sobre o mundo e a educação durante o período de pandemia.

Assim como um imprevisto em meio a uma peça, a pandemia e a quarentena pegaram a todos de surpresa. No espaço educacional, cuja marca é o diálogo, o convívio e, claro, a aprendizagem, *deus ex machina* teve de ser invocado às pressas e, como em um improviso teatral que inicialmente soa como tal, a tecnologia e as aulas remotas surgiram como uma possibilidade para desenrolar as tramas e permitir a continuidade do espetáculo.

No entanto, assim como os deuses gregos, a tecnologia e as aulas remotas não se mostraram totalmente boas, nem salvadoras em si. Os deuses gregos, na mesma medida que eram bons e ajudavam as pessoas, também tinham seus momentos de ira e se vingavam dos humanos — com toda força transcendente que lhes era característica. Já a tecnologia, apesar de permitir a manutenção das aulas, da transmissão do conteúdo, também se mostrou limitada, sobretudo, em um aspecto extremamente caro para o processo educativo, o afeto que só é possível na proximidade, no olhar.

É interessante notar que, no latim, virtual e virtude pertencem a mesma raiz etimológica. Uma das atribuições dadas a Deus, durante o período medieval, era justamente a virtualidade, isto é, a virtude que tinha tamanha proporção, que nos era intangível e não nos permitia vê-lo face a face. Nas aulas remotas, o olhar, que é mais do que só enxergar o outro, tornou-se tão raro que um simples ligar a câmera enche de lágrimas os olhos de muitos educadores.

Nesta proximidade virtual, de olhares distantes, os componentes de **Filosofia e Sociologia** não ficaram fora desses desafios "divinos". Platão, em meados do século V. a.C. já se questionava sobre como a Filosofia não é algo a ser simplesmente ensinada. Não se ensina a pensar filosoficamente nem sociologicamente. Não se faz Filosofia, nem Sociologia, decorando ou memorizando simplesmente a reflexão e o pensamento dos outros. Filosofia e Sociologia são meios de desenvolver nosso conhecimento e nossa capacidade de reflexão.

Ao pensarmos juntos com os vários autores que estudamos, é que percebemos que a razão é um instrumento fundamental na leitura de mundo, de contexto e de quem somos. Na prática, pensar junto não é somente um exercício cognitivo; envolve proximidade, troca de olhares, momentos de rirmos e também de nos indignarmos juntos. Estas interações, dentro de todas as limitações do ambiente virtual, tiveram como contrapartida algumas tentativas de superação a partir de estratégias como debates, momentos de bate-papo, escritas coletivas e análise de casos a partir do pensamento de alguns autores. O "que" estudar, dividiu espaço a todo momento com o "como" fazê-lo.

Ressalto aqui duas estratégias que considerei importantes, não apenas porque auxiliaram na transmissão do conteúdo, mas principalmente porque proporcionaram momentos de interação, de colaboração.

Na primeira, os monitores de Filosofia da 2ª Série do Ensino Médio, ministraram diversos cursos sobre temáticas relativas ao pensamento de Nietzsche. Os demais estudantes, por inscrição, participaram das palestras dos monitores e, depois, fizeram uma pesquisa sobre o tema. Em um momento de troca, posterior às pesquisas, ficou bastante evidente que a presença dos próprios estudantes explicando sobre os temas, bem como a possibilidade de escolherem o que queriam aprofundar-se, significou aquele aprendizado de tal modo que todos se envolveram bastante e a qualidade dos textos foi surpreendente.

Na segunda estratégia, foi proposto para os estudantes da 1ª Série do Ensino Médio que eles escrevessem um dicionário de conceitos, de modo colaborativo. Cada dupla de estudantes ficou responsável pela escrita de um verbete filosófico. Assim que o documento foi todo preenchido, foi-lhes encaminhado um momento de troca das escritas. Para tanto, eles tiveram um encontro via Chat, em que cada um explicou para a turma, por texto, o que seu conceito significava e quais seriam as melhores situações em que ele poderia ser aplicado. O nível de todo o processo foi muito satisfatória.

Para que a peça não seja interrompida, em meio a acertos e erros, o trabalho precisa continuar. Na Antiguidade, em alguns casos, *deus ex machina* mostrava-se tão promissor que era incorporado no enredo, sendo reencenado enquanto o espetáculo se mantivesse. Em nosso contexto, em Filosofia e Sociologia, toda experiência e toda aprendizagem nesse ambiente irão compor a peça dos anos seguintes, até que mude o contexto e outros deuses precisem ser invocados.

A geografia das janelas abertas

— POR ADRIANA RITA TREMARIN

O contexto atual de pandemia da COVID-19 causou profundas transformações na escola e nos processos de aprendizagem ↔ ensinagem. Os recursos tecnológicos passaram a ser meio de aproximação, comunicação, trabalho colaborativo e aprendizagens. Essas ferramentas são antes conteúdo, porque agora é condição para o desenvolvimento pedagógico do currículo. Por essa razão, e principalmente para enfrentar os desafios do ensino remoto em relação à atenção, compreensão, domínio dos conteúdos pelos estudantes e vínculo socioemocional entre os sujeitos do processo educativo, as metodologias foram inovadoras. Os educadores permanecem em formação sobre variados recursos que possibilitam videoaulas com cada vez mais qualidade, atividades interativas de diagnóstico, jogos e quizzes para motivar e acompanhar as aprendizagens.

> Nos anos iniciais do EF 1, a tecnologia permitiu a construção de maquetes digitais por meio do jogo Minecraft Education Edition. No estudo sobre a moradia, as crianças aprenderam sobre representação espacial recriando os ambientes de sua residência.

A distância física incentivou também o desenvolvimento da comunicação oral e escrita, seja na interação durante as aulas ao vivo, por mensagens no portal, nos fóruns de discussão, nas salas virtuais de trabalho em grupo. Sem a leitura das expressões faciais, da postura corporal e do olhar, tão significativos e reveladores numa interação mais próxima, a linguagem verbal passou a ser a única forma de manifestar dúvidas, problematizações, informações e conteúdos.

O aperfeiçoamento das estratégias didáticas também ocorre por meio da diversificação de textos e das relações que são estabelecidas entre as referências científicas, as fontes de informação e as produções de arte e cultura em diferentes gêneros. O objetivo é ampliar e transcender a

aprendizagem do conteúdo em estudo para além do rigor e da formalização científica, valorizando o desenvolvimento do ser sensível, aberto à compreensão de diferentes contextos geográficos (sociais, econômicos, políticos, culturais e ambientais).

Estudantes do primeiro ciclo do EF 2 pesquisaram a crise ambiental na Amazônia em relação a alguns aspectos, como a expansão da fronteira agrícola, a posse das terras por meio da grilagem, as ameaças aos povos nativos e as vantagens econômicas dos crimes ambientais cometidos. A sistematização das descobertas e reflexões ocorreu por meio da produção de podcasts, vídeos ou colagens digitais.

A realização dessa nova rotina acadêmica colocou a todos em permanente e necessária atitude de pesquisa, em muitos sentidos, seja pela busca por materiais, informações e explicações nos recursos disponibilizados pelos educadores na plataforma Moodle, seja pela leitura dos livros didáticos de apoio à aprendizagem ou pela investigação de conteúdos em projetos, como os que são realizados nas "Semanas de Pesquisa e Arte", atividades que valorizam a elaboração de ideias e a produção de sistematizações autorais.

O debate sobre política, democracia e cidadania abriu a pesquisa do Núcleo de Ciências Humanas (História-Geografia-Ensino Religioso) no início do EF 2. O aprofundamento do assunto ocorreu pelo estudo das funções do governo municipal e da importância da participação popular na gestão do espaço local. Agora, a estratégia utilizada será a análise dos planos de governo dos(as) principais candidatos(as) à prefeitura de Curitiba nas eleições deste ano, pela análise da relevância social e viabilidade das propostas apresentadas.

O debate e o embate entre pessoas, grupos e governos com informações e opiniões diferentes em relação à pandemia, por exemplo, tornou imprescindível o trabalho pedagógico para o discernimento entre conhecimento científico e desinformação intencional, em um contexto em que as telas permitem uma apreensão maior do mundo que, pelo isolamento social, ficou restrito fisicamente às paisagens observadas sempre das mesmas janelas.

Nos anos finais do EF 1, a pandemia foi assunto das aulas pela leitura e interpretação cartográfica dos mapas que mostravam o avanço da doença em várias escalas. Concomitantemente, houve debates sobre o que era ou não verdade em relação à doença e quais cuidados as pessoas precisam ter para não propagar notícias falsas.

A disseminação de um vírus a partir da Ásia, a evolução da doença em cada continente e os impactos nos lugares, ressignificam tristemente a importância da compreensão das relações local-global-local. Nesse cenário, saber das tensões geopolíticas entre as nações,

como Estados Unidos e China, possibilita compreender que as acusações a respeito da crise mundial de saúde, escamoteiam disputas comerciais mais amplas e o interesse pelo enfraquecimento do multilateralismo. Nesse mesmo cenário, está a corrida das empresas farmacêuticas, que integram e representam grandes corporações empresariais, pela primeira vacina a concluir os testes contra o coronavírus. Acordos entre nações envolvendo vacinas e transferência de ciência e tecnologia para sua produção têm a contrapartida do compromisso com negócios de exportação e importação. Os interesses nacionais pela obtenção dessa vacina e a defesa da "normalidade econômica", servem de palanque para governantes conquistarem a reeleição, mesmo contrariando as orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS) em relação ao controle da pandemia. A falta de planejamento de políticas públicas coordenadas entre os níveis da federação para a realização de investimentos em ações rápidas e eficazes na área de saúde pública agravam esse cenário.

A partir do Festival "Tantos somos, somos um", realizado Rede Jesuíta de Educação (RJE) em comemoração ao Dia Mundial do Refugiado (20 de junho), os estudantes dos anos finais do EF 2 pesquisaram os movimentos migratórios e a questão dos deslocamentos forçados no contexto atual. Foram algumas das abordagens as emigrações de sírios, haitianos e venezuelanos, os porquês da vinda desses grupos para o Brasil, o preconceito e a xenofobia em contrapartida à multietnicidade e à riqueza cultural do povo brasileiro.

Essa doença, que levou a grandes e profundas transformações, também evidenciou as relações entre a fragilidade ambiental e suas consequências sociais, em especial, a relação entre tempo/clima e a disseminação do vírus. Pesquisa científica desenvolvida em universidade pública local já trabalhava nessa área para contribuir com o controle da epidemia de dengue, agora, também explica como as características médias do clima subtropical de Curitiba, durante o inverno, contribuiriam para maior propagação da doença. No entanto, esse cenário foi alterado com a ocorrência da La Niña e as queimadas em grandes áreas do Norte e do Centro-Oeste do país que causaram elevação das temperaturas médias, mudanças no padrão de deslocamento das massas de ar e estiagem na Região Sul do Brasil.

A proteção da Escarpa Devoniana, da biodiversidade e de todo ecossistema local, além do patrimônio cultural das pinturas rupestres da região dos Campos Gerais, foram tema de debate no último ano do EM, em um contexto de grande articulação política e de setores empresariais pela redução das áreas de preservação ambiental em todo o país, o que se verifica agora em relação à manguezais e restingas.

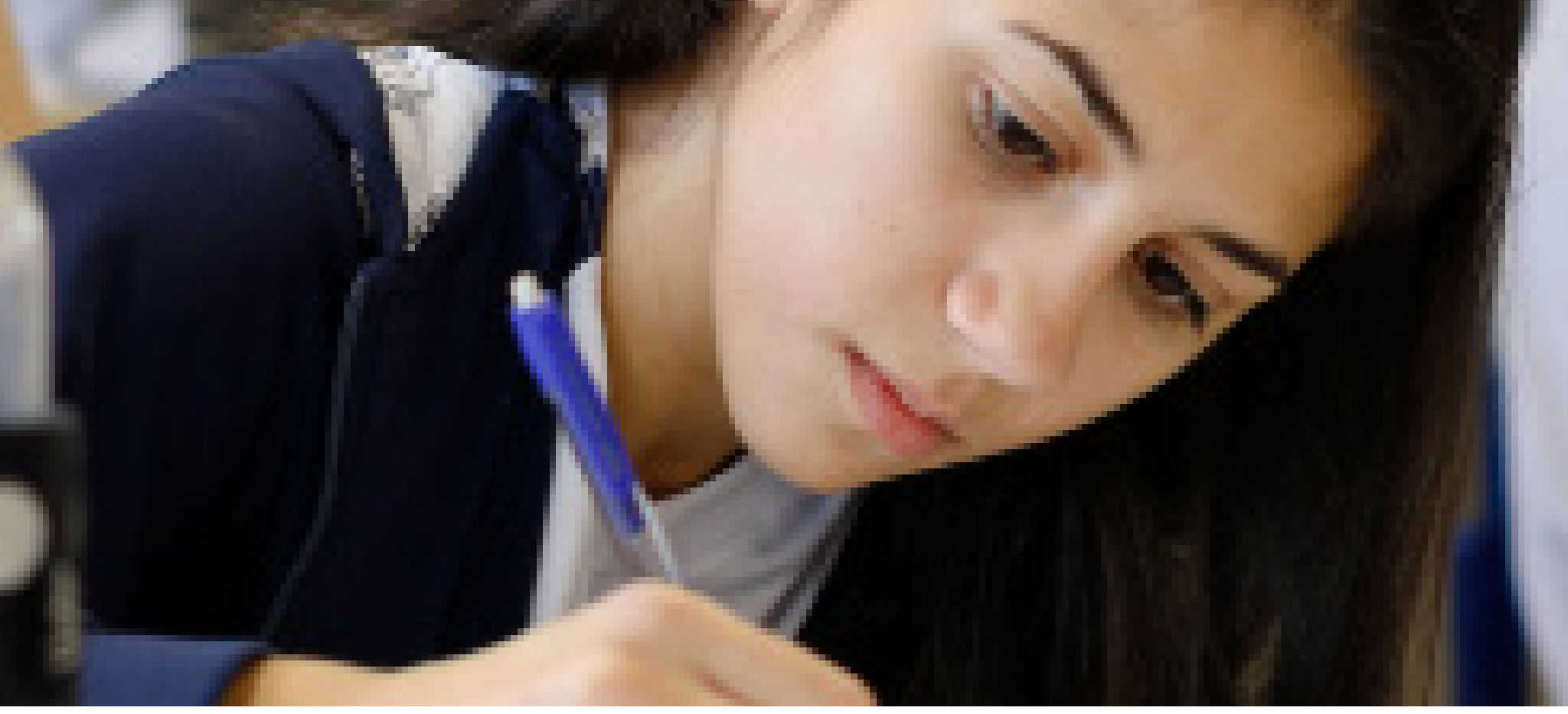
O fechamento do comércio e a suspensão das atividades durante muitas semanas em várias partes do Brasil, empobreceu parte significativa da população e intensificou situações de vulnerabilidade alimentar. Com arrecadações de alimentos, de itens de higiene pessoal e

limpeza doméstica, ampliaram-se as redes de solidariedade, com atuação de organizações sociais, empresariais e de lideranças comunitárias.

> A maior disseminação do coronavírus em grandes cidades – metrópoles globais e nacionais nas redes geográficas – e, em especial, nas áreas de maior adensamento populacional das periferias, foi abordada no EM. O estudo também tratou da ampliação e intensificação da pobreza pelo aumento do número de famílias que passam fome ou que entraram para o grupo de quem tem insegurança alimentar.

Em todos esses exemplos estão presentes os princípios que constituem o método de investigação e estudo da Geografia: localização/extensão, causalidade, analogia, conexidade sistêmica e atividade/dinamicidade, que possibilitam compreender essas grandes teias de eventos integrados. E assim a ciência responde à sua função de produzir conhecimento e contribuir para a liberdade e a autonomia do pensamento de pessoas conscientes, competentes, compassivas, críticas e comprometidas, de acordo com os fundamentos da Pedagogia Inaciana.

É também característica da Educação Jesuíta a parceria família-escola, nesse momento, ainda mais necessária como apoio a crianças e jovens estudantes que precisam organizar novas rotinas, tempos e espaços de aprender. Se há o distanciamento físico da escola, há também a construção coletiva de um lugar afetivo virtual, em que se encontram diariamente educadores e estudantes, renovando a esperança da transformação social com mais justiça e fraternidade.



A aprendizagem da História em um momento de transição

— POR RODRIGO P. BANHOZ

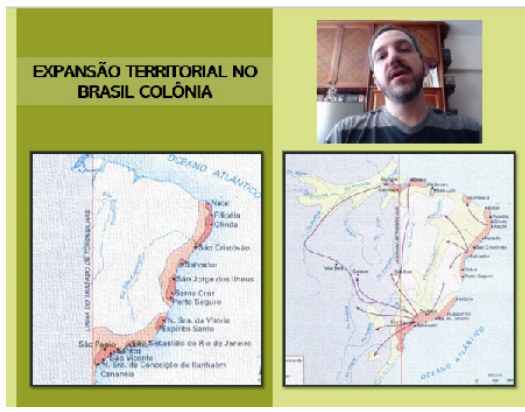
Em meados de março de 2020, sobreveio a notícia, que era pressentida e tão pouco compreendida: ficaríamos em quarentena e nosso ensino seguiria o modelo a distância, com o correto e firme propósito de salvaguardar a vida de educadores e educandos e de auxiliar o governo a prevenir um impacto mais dilacerante de uma pandemia que se avizinhava.

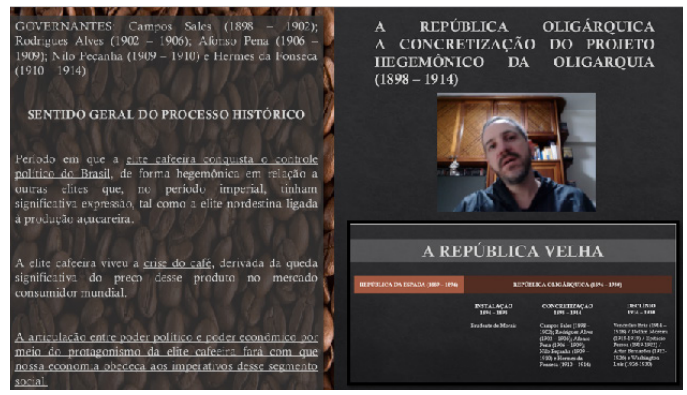
A princípio, cuidadosos quanto ao rumo a tomar, indicamos tarefas que deveriam ser realizadas pelos estudantes com o fim de promover um distanciamento produtivo, que poderiam ser brevemente revistas diante de um esperado retorno às aulas e encaradas como ponto de partida da retomada de nossos estudos presenciais.

Na terceira semana, a convicção de um isolamento mais duradouro nos enevoava e os primeiros sinais de uma estrutura de ensino à distância mais robusta transpareciam em nossas reuniões. Tinha início uma jornada marcada por uma metodologia desconhecida, embebida num modo de vida atípico, animado por diretrizes governamentais erráticas e contraditórias, que acentuavam nossa insegurança e nos lançavam em aturdidas reflexões sobre a finitude.

O Moodle seria a espinha dorsal desse aprendizado, não mais apenas um repositório de roteiros, tal como eu o usava até então. Seria o locus de criação e alojamento de nossos instrumentos avaliativos, associado às aulas gravadas e às lives semanais.

A criação de material não me assombrava, pois estamos acostumados a produzi-los em nosso trabalho, mas a elaboração de aulas gravadas tirava-me o sono. Apesar da satisfatória desenvoltura em sala de aula, sou tímido e não aprecio demasiada exposição pública – não utilizo sequer redes sociais –, imaginar minhas aulas sendo vistas, revistas, armazenadas e compartilhadas me preocupava e me sentia bastante desconfortável. Aprendi a produzi-las rapidamente, e gostei de aprender várias técnicas que desconhecia... estava mais sereno e seguro com o tema pelos idos de junho.





Imaginei que as lives seriam dinâmicas, que reproduziriam o ambiente de sala de aula, com a exposição de dúvidas e com a partilha do conhecimento prévio, mas não era o único desconfortável com a exposição em um espaço virtual. Surpreendeu o silêncio inicial, na maioria das vezes fruto das incertezas partilhadas e dos medos do contexto. Aprendi a organizar, então, esses momentos, usando-os para qualificar o conteúdo trabalhado nas aulas gravadas por meio de sínteses, da feitura de exercícios analíticos e objetivos, com o objetivo de promover a formação adequada, que resultasse no aprendizado e no desenvolvimento de habilidades necessárias à resolução de avaliações externas. Aos poucos, foi surgindo uma leitura aqui, a partilha de um exercício ali, uma pergunta acolá e a elaboração de algumas hipóteses para os problemas levantados. Não é o espaço físico da sala, que nos permite uma leitura mais abrangente do aprendizado de nosso estudante, mas, gradativamente, também o estudante foi se apropriando desse inusual espaço de aprendizagem.

Este é um espaço diferente, mas que carrega consigo alguns alicerces de promoção do aprendizado. Existe ali o planejamento do educador, a proposta metodológica e a avaliativa, a exposição do conteúdo, a sua problematização, as tentativas, erros e acertos dos educandos no processo. Mas não é só na não entrega, descompromissada e eventual, de uma atividade, ou na ausência de uma vigília eficiente da probidade da feitura que reside os limites desse modelo de ensino. A fronteira mais preocupante é a derivada da ausência do contato presencial reiterado, que assegura que o conceito de democracia, por exemplo, não seja uma mera apreensão cognitiva do fenômeno político, mas um modo de vida assentado na alteridade, que celebra o respeito à diferença como inquebrantável alicerce civilizatório.

Ensino e aprendizagem de Ciências no contexto da pandemia

— POR TALGE AIEX BONI

Estamos enfrentando um momento histórico. Nossos estudantes se lembrarão para sempre das mudanças significativas nas suas rotinas ocorridas nesse ano, principalmente na rotina escolar. É comum que os estudantes se esqueçam de conteúdos trabalhados na série anterior, isso quando a aprendizagem não foi significativa, não foi apreendida pelo sujeito. Tal fenômeno não deve acontecer especialmente considerando as aprendizagens de 2020. Sempre se lembrarão da importância da lavagem das mãos e do uso do álcool em gel para se prevenir da COVID-19. Sempre guardarão a impressão da importância das relações sociais e o quão difícil é estar longe dos colegas, do ambiente escolar e de seus familiares. Nós, educadores, também nunca esqueceremos o quão desafiador foi desempenhar nosso papel estando fisicamente separados dos nossos estudantes. Até os mais jovens guardarão a informação de que os vírus são muito pequenos, mas que podem causar grandes estragos em todos os organismos vivos. Tal aprendizado acontecerá, não por serem conteúdos das diferentes séries, mas porque os estudantes estão vivenciando o contexto da pandemia. Além disso, essas informações e conhecimentos vêm em diferentes meios de aprendizagens, pelos educadores dos diferentes componentes, pelos pais, pelos programas de televisão, pelas redes sociais, etc.

Para o componente de **Ciências**, permeando os conteúdos curriculares, a possibilidade de trabalhar aspectos relevantes do mundo natural e antrópico no atual contexto é ainda maior. Dentre os conteúdos abordados, e que podem ser facilmente relacionados ao momento em que estamos vivendo, destacamos: mostrar ao estudante a importância de conhecer o

funcionamento dos diversos organismos, a necessidade do equilíbrio ambiental, o papel fundamental da manutenção da homeostase de organismos e ambientes, o conhecimento das formas de vida e o respeito à sua distribuição, entre outros assuntos discutidos em nossas aulas. Alguns exemplos foram os estudantes do 1º Ano, que aprenderam sobre a importância da higiene e cuidado com o corpo, ou os estudantes do 9º ano ao discutirem sobre a melhora ambiental percebida em plena pandemia, ou ainda, as consequências da COVID-19 no sistema respiratório, trabalhada com os estudantes do 8º Ano.

Além disso tudo, uma mensagem será muito importante para essa geração: reconhecer o valor da Ciência para a nossa sociedade. Os professores precisam conversar com seus estudantes e mostrar como os conhecimentos gerados pelo método científico se mostram indispensáveis, principalmente visto que esses ultimamente são tão questionados pela sociedade, não apenas para entender de onde vem o coronavírus (ou qualquer outro organismo que cause doenças em humanos), mas de como dependemos dessas pesquisas para voltarmos a ter a vida que considerávamos "normal" e manter uma sociedade saudável e sustentável em um planeta em rápida transformação.

Para o componente de Ciências, até o 9º ano, vários foram os desafios que apareceram no atual contexto: as aulas a distância, os educadores precisarem se adaptar ao ensino recheado de tecnologia, de não terem seus estudantes próximos, entre outros. Mas um, em particular, precisa ser destacado: a inserção das aulas de investigação na rotina remota. As aulas de laboratório permitem que os estudantes vivenciem o método científico, criando hipóteses sobre diferentes assuntos, testando as hipóteses, chegando a conclusões e elaborando conceitos de maneira mais concreta a partir de observações ou de experimentos simples. Essas aulas a distância foram planejadas para que diversas metodologias pudessem ser incluídas a fim de facilitar as aprendizagens. Aulas gravadas com ou sem interatividade, lives, roteiros de estudos, roteiros de aulas práticas, sala de aula invertida, trabalhos em grupos e fóruns de discussões foram algumas das estratégias usadas nessas aulas. Alguns exemplos de trabalho são as aulas práticas das turmas do 3º Ano do Ensino Fundamental que envolveram a confecção de massinha de modelar caseira para a representação da Terra, Sol e Lua e a compreensão dos movimentos de rotação e translação, as turmas do 8º Ano acompanhando uma investigação sobre o plantio de feijão e o reconhecimento dos passos do método científico, ou ainda, a extração caseira de DNA de morangos que permite aos estudantes tornarem mais concreto o aprendizado.

Nós, educadores, temos a obrigação do nosso ofício de direcionar o aprendizado estimulando que os estudantes tenham curiosidade e possam, a partir das observações, gerar novas aprendizagens. Fazer isso remotamente não tem sido tarefa fácil, mas aos poucos temos percebido que os estudantes se sentem motivados quando questionados e é a busca pelo conhecimento e a capacidade de argumentar e construir conceitos que queremos na educação que praticamos.

As Ciências Naturais e as memórias das aprendizagens do período remoto

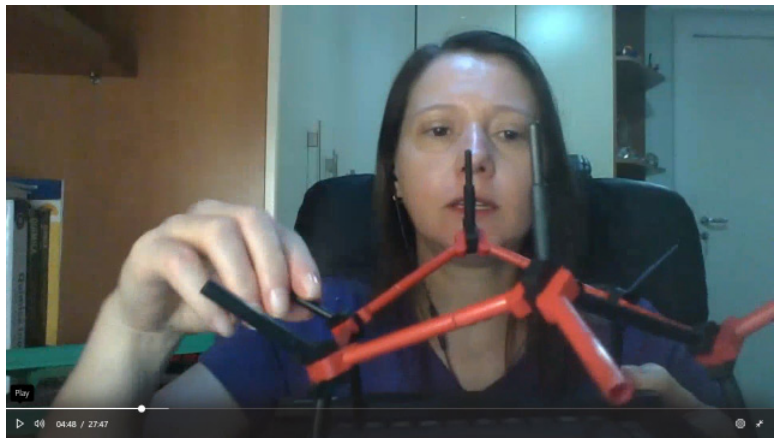
— POR ANGELA CRISTINA RAIMONDI

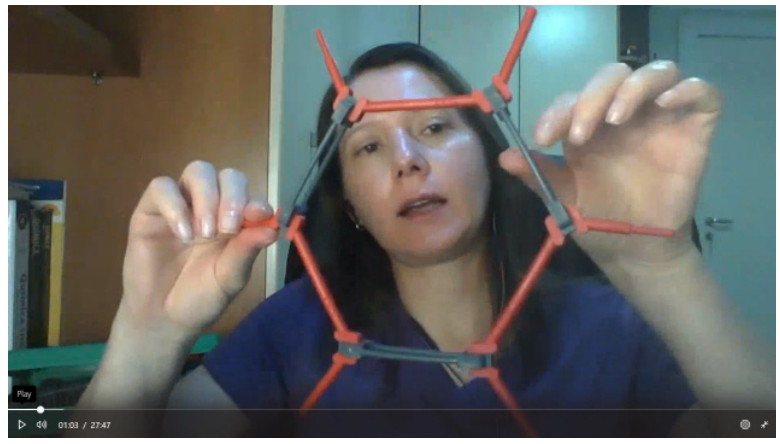
A profissão de educador, independente da área, faixa etária dos estudantes, tipo de escola, sempre carregou em si a particularidade de exigir de seus atores a constante busca por aprimoramento, em todos os sentidos.

Todos os sentidos? Não acho exagero abrir assim esse texto. Ora, com 18 anos de atuação como educadora, e com um perfil observador do comportamento das pessoas de dentro e no entorno do meu ambiente de trabalho, percebi que o passar dos anos foi nos trazendo mudanças que aceleraram o mundo de uma forma cada vez mais difícil de acompanhar. Em bate-papos informais entre educadores, é muito comum surgir a nostalgia de tempos em que parecia que dávamos conta das demandas do trabalho, às custas, sim, de alguns momentos de sacrifícios pessoais, mas dentro de uma margem, pelo menos, aceitável.

Aqueles que mergulham na docência – e se realizam profissionalmente - carregam em si a consciência do ônus da carga de trabalho nos bastidores da sala de aula. Ingênuo é aquele pensa que ser educador é uma profissão como outra qualquer. Nunca foi! Em qualquer época, ENSINAR alguém sempre envolveu interpessoalidade em um nível sinérgico que nos coloca em um lugar bem distante de uma mera prestação de serviços. Essa percepção, por parte de boa parte da população, foi uma daquelas "lições" que os meses de distanciamento social, devido à quarentena da COVID-19, trouxeram.

Porém, faço uma ressalva aqui: não vamos confundir percepção com reconhecimento, no sentido de valorização explícita, a partir do momento que, de uma hora para outra, o ato de ensinar teve que ser adaptado a um plano virtual e, principalmente para as séries





iniciais, compartilhado com a família dos estudantes. E foi aí que o desafio de lecionar foi elevado várias potências! De um lado, educadores, na sua luta diária do aprender para ensinar, desta vez diante da exigência emergente de habilidades como o uso de ferramentas digitais, plataformas web conferência, gravações, edições e disponibilização de vídeos, criação de materiais de apoio extras, e por aí vai. Se esse *know-how*, em um nível tão diverso, não estava dominado por boa parte dos profissionais da área do ensino presencial, imagine para o outro lado da equação, com famílias se vendo como interlocutores ativos entre a escola e suas crianças e adolescentes e, portanto, tendo que aprender a lidar minimamente com um ferramental tecnológico numa velocidade alucinante.

Lecionando para estudantes do último ano do Ensino Médio e tendo uma boa bagagem de conhecimento sobre tecnologias educacionais, vindas de experiências anteriores à pandemia, pensei inicialmente que esse diferencial seria suficiente para tornar "tranquila" a transição do ensino tête-a-tête para o regime remoto. Ledo engano! Muito cedo nesse processo me dei conta de que o número de variáveis a serem controladas para o "sucesso" de uma aula estava além das minhas premissas iniciais.

Os percalços diários na minha saga do ensino remoto passaram, para listar apenas alguns, por problemas de natureza técnica, como a necessidade de formatação do computar, para correções de drivers de áudio, por exemplo (afinal, você também precisa ouvir as pessoas do outro lado da tela); o mapeamento dos horários do dia com o menor ruído externo possível, para as gravações de aula (passando todo o dia fora, por anos, não tinha ideia de que eu tinha uma vizinhança tão barulhenta!); as oscilações de conexão de sinal da internet, que, por vezes, minou aulas síncronas e avaliações online, com tempo controlado; a produção de uma aula com as ilustrações ideais à minha narrativa, tudo cabendo no tempo mais adequado à retenção de atenção do estudante, indicação de complementos de estudo numa medida bem dosada, se tornaram processos muito mais morosos e desgastantes.

Pontuadas algumas questões que se traduzem, em sua maioria, em fatores estruturais da construção de uma aula, um dos aspectos mais angustiantes disso tudo, é a incerteza de como essa energia gasta, de tantos lados, está sendo canalizada e em que medida, para uma aprendizagem real de cada estudante. A fragilidade dos processos avaliativos neste período, por mais que tenhamos à disposição plataformas digitais interessantes, parece que coloca uma névoa de dúvida sobre os resultados de desempenho observados. Mas não deixo essa sensação impedir que eu continue instigando meus estudantes a buscar o conhecimento para seu crescimento intelectual, mais ainda nessa época de tantas angústias e desgastes das relações humanas, de forma a se tornarem cidadãos e cidadãs mais críticos e preparados para os desafios e incertezas de um mundo pós-pandemia.

Aprendizagens na pandemia

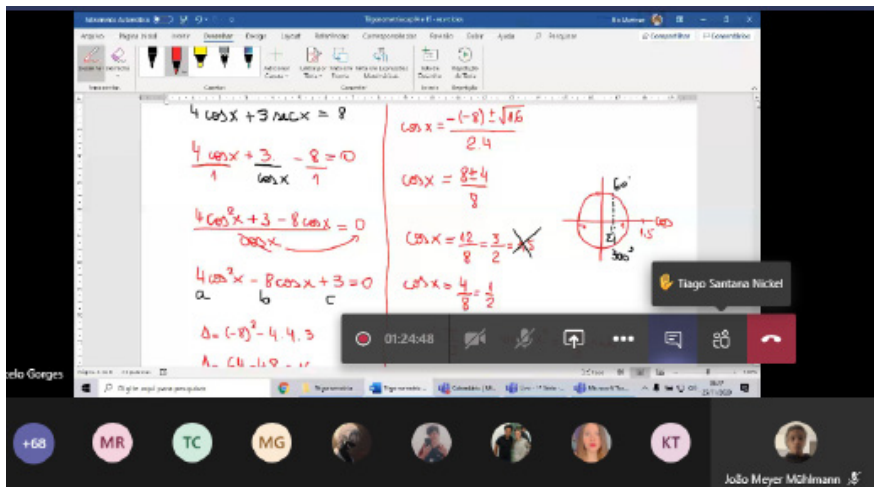
— POR MARCELO GORGES

Em março de 2020, as aulas foram suspensas pela COVID-19 que já se espalhava pelo mundo e assustando a todos com o número de mortes que subia de forma exponencial a cada dia por todos os cantos do planeta. Medo e incertezas são os principais sentimentos vividos neste tempo.

No Colégio, iniciamos postando atividades na plataforma Moodle para os estudantes manterem o ritmo de estudos com exercícios, leituras e revisões do conteúdo trabalhado, referendando-se o período das aulas presenciais. A partir da terceira semana, começamos as aulas remotas, sabendo que as aulas presenciais demorariam a retornar, assim, nos debruçamos a novas aprendizagens com tutoriais de softwares que possibilitassem a gravação das aulas, seu compartilhamento e treinamentos para a execução com excelência.

Certamente, um grande obstáculo foi aprender a dominar o Teams, software que possibilitou a gravação das aulas no período remoto, interação com nossos estudantes e lives para as aulas remotas, com auxílio de todos os profissionais do Colégio e treinamento intensivo, logo entendemos o seu funcionamento e, a partir daí, a qualificação dos materiais produzidos para as aulas gravadas, o sistema avaliativo constituído: das avaliações, das produções (tarefas e roteiros encaminhadas via Moodle), dos diagnósticos (atividades, trabalhos de pesquisa e simulados) e do ético-relacional (frequência, participação nas lives, respeito e cuidado ao próximo) se estava organizado.

A rotina das aulas de **Matemática** foi estabelecida com quatro aulas semanais, sendo duas aulas gravadas e duas lives intercalando-se aula gravada com live. Nas aulas gravadas foram desenvolvidos os conteúdos do currículo tendo como referência aos estudantes o livro didático e os roteiros disponíveis via plataforma Moodle e nas lives a retomada das

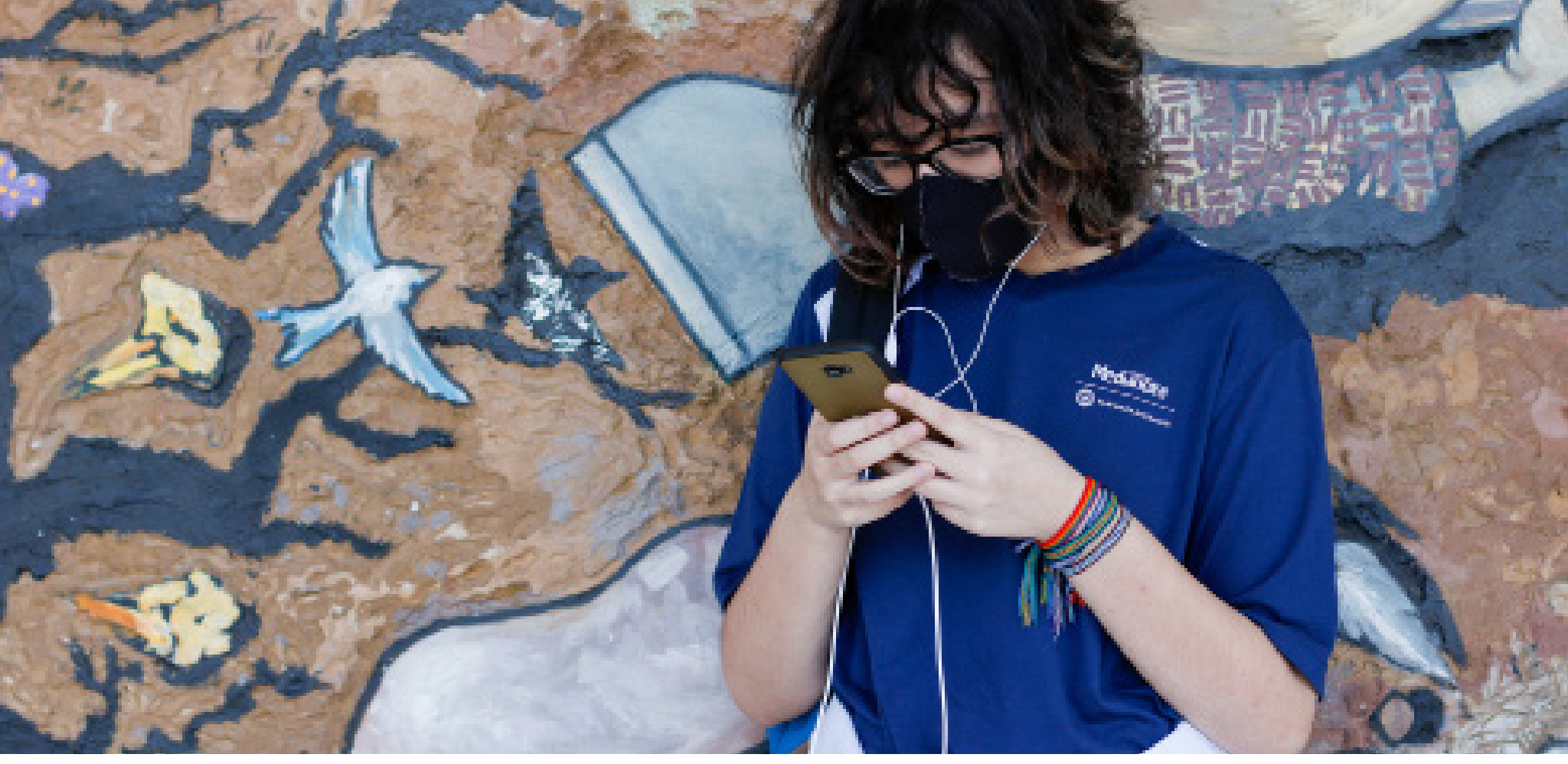


dúvidas persistentes das aulas gravadas ou do encaminhamento de exercícios via produção ou diagnósticos. O aperfeiçoamento das aulas foi constante para que as metodologias escolhidas ao longo do período desse conta das aprendizagens dos estudantes, para isso, a troca com eles, feita através das lives ou reuniões agendadas com representantes de turma, indicaram algumas novas estratégias organizadas ao longo do tempo, como: monitoria, salas de estudo, AP (aprendizagem com horários definidos a estudantes com maiores dificuldades).

Quanto à estratégia estabelecida das aulas gravadas e lives, questionei em alguns encontros se os estudantes preferiam aumentar as lives e diminuir as aulas gravadas e a resposta deles foi não, pois se sentiam confiantes com elas, já que, "podiam assistir, pausar, rever, acompanhar com o roteiro, ajudando a sistematizá-lo e realizar os exercícios", já com as lives, "podemos tirar as dúvidas e interagir com o educador e colegas".

As avaliações encaminhadas via plataforma Moodle, deram muito trabalho para corrigir, pois precisavam ser baixadas e abrir arquivo por arquivo para corrigi-los, entretanto, ao passar do tempo e com o domínio das ferramentas necessárias ao ambiente virtual, o crescimento dos estudantes foi notório na qualificação das trabalhos desenvolvidos, as tarefas entregues com maior qualidade, as perguntas em lives bem alinhadas as propostas encaminhadas.

As dificuldades e aprendizagens estabelecidas sobre este tempo de pandemia são muitas, pois nos reinventamos como educadores em pouco tempo de qualificação, passamos a trabalhar com roteiros, edição de aulas, postagens de videoaulas, reuniões com interfaces virtuais, aulas virtuais, acompanhando-se do desgaste físico e emocional, mas superados por várias vezes com o apoio dos nossos colegas e dos próprios estudantes que refletiram o orgulho de nos termos como seus educadores, pois superamos diversas dificuldades para entregar a eles a melhor aula possível para que sua aprendizagem tivesse a menor perda em relação ao período presencial. Tenho certeza que futuramente nos reinventaremos com ambientes híbridos de trabalho, colhendo frutos de toda esta nossa aprendizagem vivida neste momento tão difícil de pandemia.



Desafios e aprendizagens em tempos de crise

— POR REGINA DO ROCIO LECHETA

Vivemos, talvez, a maior crise da humanidade dos últimos tempos. Uma crise na saúde mundial sem precedentes, que se desdobrou em múltiplas crises, com proporções inimagináveis, como a que notadamente ocorre na área da educação. Especificamente no Brasil, cujas bases educacionais já eram incipientes, hoje, estas são, cada vez mais, desestabilizadas, correndo sérios riscos de desmantelamento. Lamentavelmente, chegamos a ponto de a ciência ser aviltada, a academia ser desmerecida e, até mesmo, o ensino menosprezado. São discursos que rebatem os focos de educação propostos na perspectiva de uma aprendizagem integral, voltada ao ser humano pleno, reflexivo, crítico e criativo, que lê sua realidade e a transforma para si e para os outros.

Dado tal contexto, é difícil diagnosticarmos ou aferirmos, de forma mais evidente, os desdobramentos dessas mudanças. Somos afetados simultaneamente por múltiplas ações, que nos chegam no sentido social, econômico, psíquico e biológicos. Fomos atingidos drasticamente em nossos modos de ser e estar, em nossas percepções e sentidos. "Tivemos que trocar os pneus do carro em movimento", essa fala, citada em um de nossos estudos e formação on-line, me marcou e criou uma imagem que proporcionou uma dimensão mais real dos atuais acontecimentos e seus desdobramentos.

Enquanto profissionais da educação, nos vimos em um vendaval e buscamos estratégias e ações a fim de minimizar os efeitos desses eventos. Com isso, mudamos métodos, reorganizamos currículos e nos cruzamos com a tecnologia, em um relacionamento, na maioria vezes, pouco amistoso. Aprendemos, criamos, aparentemente retrocedemos, e em muitas situações seguimos em frente, um paradoxo constante de sorrisos e choros, ora risos na alegria da conquista, ora choro pela frustração, sentindo juntos e sós, nas tentativas de manter o "carro em movimento", sempre acolhido por nossos pares e as coordenações. Desafios e aprendizagens se multiplicaram ao nosso redor.

No decorrer desse processo diagnosticamos muitas dificuldades de aprendizagem, organização e inúmeros desafios encarados por nossos estudantes. Buscamos oferecer estratégias que pudessem nos ajudar a ter uma visão menos turva desse processo. A comunicação nos foi cara em todos os momentos, mas, apesar da aparente conectividade e globalização atual, percebemos estudantes "invisíveis", incomunicáveis. Inicialmente, alguns estudantes foram tateando pelo desconhecido caminho tentando sobreviver, mais tarde alguns, com auxílio da família, educadores e coordenações, conseguiram perceber que possuíam habilidades, conhecimentos e autonomia para seguir, a organização, por exemplo, foi aquela que passou a ter uma importância extrema e dela dependiam todas as outras questões de aprendizagem, outros estudantes apresentaram muitas dificuldades, em várias dimensões, inclusive no acesso às plataformas digitais.

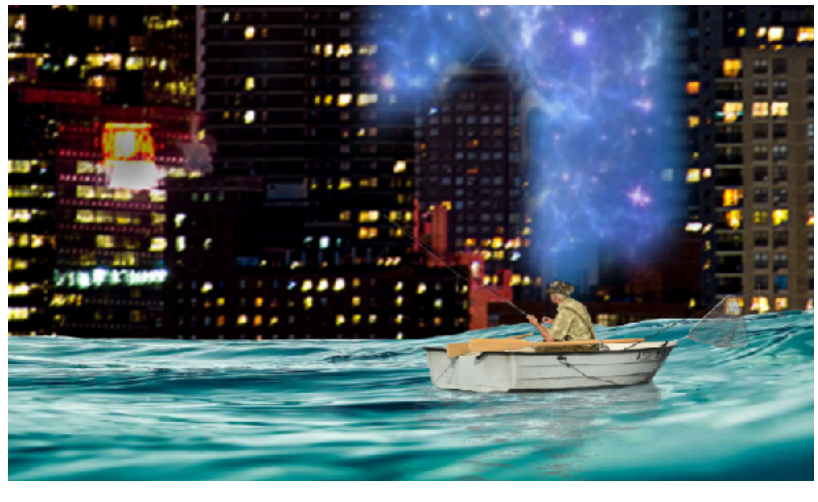
O Componente de **Arte**, por meio das discussões e trocas entre seus pares e coordenações, foi discutindo a problemática que se apresentou de imediato, a relação entre teoria e prática. Buscou-se adaptações, principalmente, no que tange ao método, ou seja, nas questões pertinentes aos processos de criação, experiências estéticas interativas, contato com as matérias, vivências corporais que, nesse momento, ficaram inviabilizados pelas novas configurações a que fomos submetidos. Como reorganizar essas estratégias, uma vez que a proximidade e o acompanhamento do educador ao estudante são imprescindíveis? As adaptações sugeriram novas formas de trabalho a partir das possibilidades e das impossibilidades dos estudantes, as quais se revelaram múltiplas e simultâneas.

Outro ponto que nos chamou atenção: após diagnósticos apresentados das prováveis não aprendizagens, buscamos ações com diferentes perspectivas a fim de recompor atividades e, em alguns casos, promover a utilização de diferentes habilidades e graus de aprofundamento. Nesse momento nos deparamos com os "efeitos colaterais" em dimensões múltiplas que só conseguimos perceber após seus efeitos, como as cópias da internet, a ajuda de "sites" especializados em responder estudantes, o corporativismo que se organiza no sentido de "ajudar" os amigos, textos com vocabulário tão acadêmico ou produções muito elaboradas, que nos deixa evidente a não ou parcial participação do estudante na construção dessa aprendizagem, deixar o computador ligado para aumentar seus acessos na plataforma Moodle e por aí vai...

Com isso percebemos que, nas tentativas de buscar evidências de aprendizagens, estávamos privilegiando as questões mais cognitivas, pois julgamos mais previsíveis. Tínhamos as evidências em diversos momentos, mas, infelizmente, recorrentemente com

os mesmos estudantes, não alcançamos aqueles menos participativos ou "invisíveis". Nos deparamos, então, com essa problemática coletiva entre educadores e passamos a pensar em outros campos de aprendizagem e outras habilidades, tais como: persistência, paciência, a importância da organização e da disponibilidade do estudante em buscar novos e seus caminhos, com autonomia criativa, protagonismo, cultivo, dedicação.

Achamos pertinente discutir e apontar essas questões, pois são geradas nas múltiplas interseções entre as aprendizagens, o método, o conteúdo e as possibilidades e as aberturas para o aprender. Tais cruzamentos se tornaram muito imprevisíveis, nesse momento, principalmente, pela falta de visibilidade e de comunicação entre os sujeitos desse processo, forte característica desse contexto, o que acarreta muitas dificuldades em obter evidências, mais genuínas, nesse processo.



No caso de Arte, essa constatação é de extrema importância para nossas ações e revisões do método que construímos a partir da experiência/vivência estética junto a conteúdos que provoquem a reflexão e o corpo como campo das práticas.

Assim, a partir desses pressupostos temos discutidos: qual é o lugar da "prática" em nosso método? Processos interativos ocorrem somente no modo presencial? Vínculos são possíveis a distância? Que espaço é esse? O distanciamento entre a teoria e a prática torna impossível o ensino da arte? Esse novo contexto pode nos indicar novas formas de aprendizagem no campo da arte e da vida?

As habilidades no sentido da racionalidade — mesmo sabendo que as habilidades são interconectadas, não se separam a racionalidade, a corporalidade e a sensibilidade — são as que privilegiamos mesmo no trabalho com processos interativos de criação e experiencias/vivências estéticas?

Os conteúdos e o método que abordamos, no componente, durante o Ensino Fundamental, prepara o estudante para gestar minimamente seu presente, considerando as contradições, as incertezas e as surpresas ou se constituem em sonhos para a preparação do futuro, passar no vestibular e fazer a faculdade com competência acadêmica?

Já sabemos que, em 2021, teremos a incerteza como parceira, receberemos estudantes carentes de experiências, com os afetos aflorados, contidos e o sentido de corporalidade esgotado ou talvez estagnados.

O currículo de arte se mostra menos estrutural, no sentido de pré-requisitos. Concebemos nossos conteúdos de forma mais orgânica, como redes conectadas e mais difusas, quando comparada a outros componentes. A partir desse pressuposto e observando os dois trimestres já desenvolvidos, propomos, ainda esse ano, criar possibilidades, estratégias, mais voltadas para as metahabilidades, buscando a comunicação, o protagonismo, a autonomia criativa do estudante, que, nesse momento, pode ser a maior necessidade de aprendizagem de nossos estudantes.

"A tecnologia tem revolucionado as noções tradicionais de tempo e lugar, oferecendo oportunidades até então imprevisíveis para a comunicação, a aprendizagem e a espiritualidade"[1]. Vivemos um momento de crises e rupturas profundas, que provavelmente mudarão estruturas. Oxalá essas situações, anômalas e tensas, também nos afetem para suscitar a busca de novos caminhos e fomentar provocações para ampliar nossas reflexões, propor novos modos de ver e ressignificar o momento que vivemos, enfrentando os desafios num estado de abertura para novos tempos, novas formas de fazer educação e propor aprendizagens.

O ano que fica para trás, certamente, nos afetou profundamente. Nossos estudantes finalizam o ano letivo marcados por leituras mais sensíveis e críticas sobre esse momento, que, apesar de toda sua tensão, lhes revelou ensinamentos mais profundos sobre a própria vida acadêmica, marcada por desafios impensáveis em outros tempos. A busca de novas formas de estudar e aprender ou conviver lhes proporcionou amadurecimentos e novas visões de mundo. Isso, certamente, reverberará em suas vidas acadêmicas futuras e do presente, gerando maior autonomia, protagonismo, qualificação em sua visão ética, crítica e autoral e contribuirá para o enfrentamento das possíveis mudanças que esse novo tempo nos exige.

[1] *Colégios Jesuítas: uma tradição viva no século XXI*, 2019, p. 78.

Um olhar sobre a Educação Física em tempos pandêmicos

— POR NATÁLIA LUIZA SIMAS

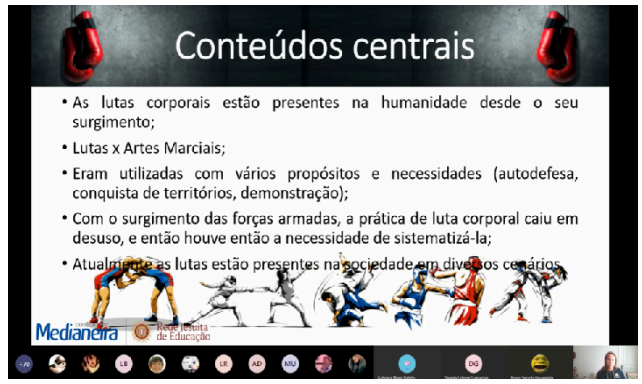
A COVID-19 fez com que as pessoas precisassem se reinventar em diferentes dimensões. Foi necessário, de uma forma muito rápida, que aprendêssemos a nos relacionar com as pessoas, com o espaço e com o tempo de formas diferentes daquelas que estávamos acostumados, uma nova rotina foi imposta para quase todos. Surgiram novas formas de aprender e, claro, novas formas de ensinar.

O Colégio também precisou se reinventar para dar continuidade ao processo de ensino-aprendizagem dos estudantes, em um formato remoto e muito distante do que a comunidade escolar estava acostumada. E esse desafio, evidentemente, afeta a todos — gestores, professores, famílias e estudantes —, que precisaram se desinstalar e se readequar aos novos processos educativos.

Cada componente curricular, a partir da sua especificidade, buscou formas para reestruturar seus conteúdos e estratégias, e o mesmo aconteceu com a **Educação Física**. Mas como transpor as aprendizagens deste componente, que tem fundamentos teóricos e práticos, para um modelo remoto?

Talvez seja importante reforçar que, em uma aula prática de Educação Física, mais do que vivenciar as diferentes práticas corporais, ocorrem as interações entre os colegas. As aprendizagens experimentadas a partir dessa interação, seja ela em um jogo, uma brincadeira, na elaboração de uma estratégia coletiva, no experimentar uma vitória ou uma derrota, contribuem para a aprendizagem integral dos estudantes, considerando suas dimensões cognitiva, socioemocional e espiritual-religiosa.

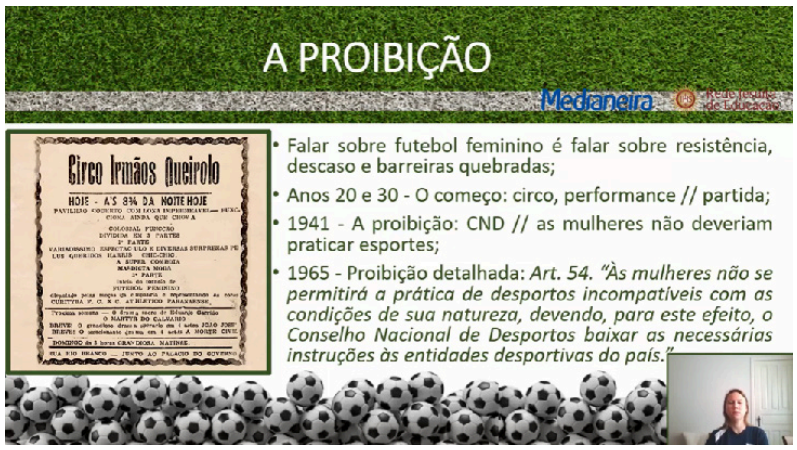
As aprendizagens experimentadas a partir dessa interação, seja ela em um jogo, uma brincadeira, na elaboração de uma estratégia coletiva, no experimentar uma vitória ou uma derrota, contribuem para a aprendizagem integral dos estudantes, considerando suas dimensões cognitiva, socioemocional e espiritual-religiosa.



Talvez seja importante reforçar que, em uma aula prática de Educação Física, mais do que vivenciar as diferentes práticas corporais, ocorrem as interações entre os colegas.

O currículo do componente precisou ser revisto e readequado, as estratégias precisaram ser repensadas e recriadas para o modelo remoto, em que o contato com o estudante ocorre de forma virtual, em alguns casos com câmeras e microfones abertos e, em outros, com as câmeras fechadas.

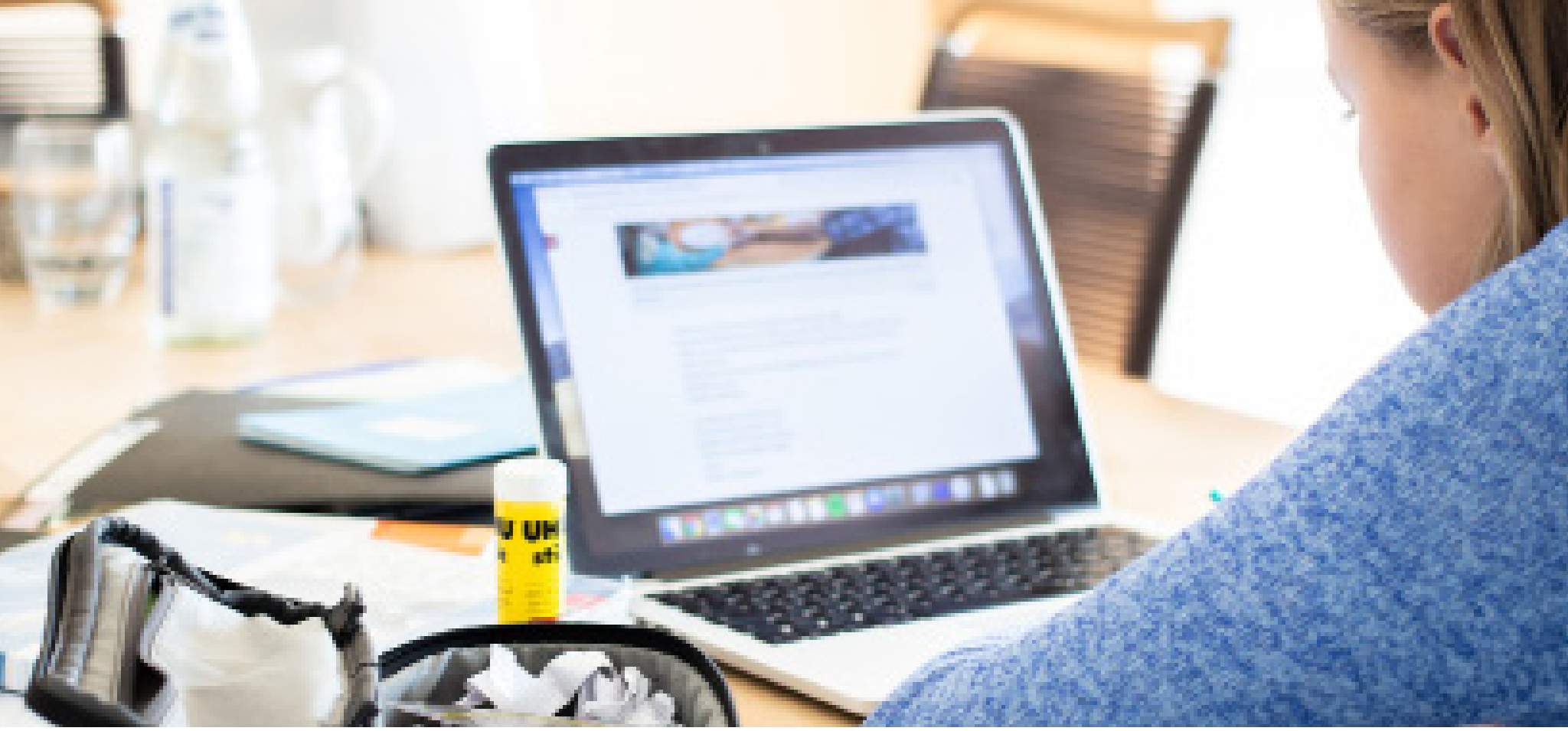
As práticas corporais permanecem como objeto de estudo da Educação Física e abre-se um espaço maior para debates acerca das questões sociais, culturais e históricas dessas práticas, como a questão de gênero e de etnia no esporte, os padrões de beleza e a sociedade contemporânea, comercialização do esporte, consumismo, entre outros temas que se relacionam com o contexto em que estamos inseridos.



Em outro contexto, tivemos a realização de jogos de baixa organização, de circuitos motores e sensoriais durante as interações, o Mexa-se e o #façaemcasa como sugestões de exercícios físicos para os estudantes e para as famílias, pequenos vídeos enviados pelos estudantes reproduzindo e recriando os movimentos propostos nas aulas, conversas com profissionais de diferentes áreas e a confecção de materiais para as brincadeiras propostas nas aulas como exemplos de estratégias realizadas com os estudantes, considerando a especificidade de cada série.

Apesar de todas as dificuldades que este momento nos impôs, o grupo de educadores buscou, de diferentes formas, dar continuidade ao currículo das séries, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, desenvolvendo meios para garantir as aprendizagens esperadas para cada ano neste componente curricular e tentando superar, de forma criativa e inovadora, os desafios que as diferentes faixas etárias apresentam.

Até a finalização do desafiador ano letivo de 2020, continuaremos tentando aprender sobre essa nova forma de ensinar, com foco nos estudantes e em suas aprendizagens. 2020 se encerra em breve, entretanto, o trabalho curricular, não. Em 2021, continuaremos aprofundando os conteúdos e qualificando as práticas e experiências.



Distance Learning at Medianeira School: Challenges, outcomes and achievements during the 2020 Pandemic

— POR GRACILENE ZEN

O componente curricular **Inglês** tem passado por um processo de qualificação nos últimos anos em nosso colégio. Em 2019, implantamos o Programa Bilíngue no Ensino Fundamental I e, como continuidade deste projeto, em 2020, ampliamos para os anos iniciais do EFII.

Já esperávamos um ano de muitos desafios e aprendizagens com a implementação do programa no EFII. Sabíamos que precisaríamos nos adaptar às novas práticas escolares, reorganizar e qualificar nossa matriz curricular, manter uma rotina de aprimoramento profissional no que se refere às metodologias e abordagens de ensino-aprendizagem para o contexto de educação bilíngue, além de promover uma mudança de cultura em relação à Língua Inglesa em nossa comunidade escolar.

No entanto, ao iniciar o ano letivo de 2020, nos deparamos com desafios que não estavam previstos. Após apenas um mês de aulas, nos vimos obrigados a transferir o espaço da escola para nossas casas. Tivemos que reorganizar nossos currículos e nos adaptar ao ensino remoto.

Essa ruptura de rotina nos trouxe insegurança quanto ao trabalho no componente. Somos seres sociais e a urgente necessidade de isolamento e distanciamento social ocasionou algumas incertezas quanto à forma em que conduziríamos as aulas e

garantiríamos a qualidade metodológica do trabalho com a língua estrangeira, visto que o processo de aprendizagem e aquisição de uma segunda língua está associado às interações comunicativas e exposição à língua-alvo.

Não sabíamos por quanto tempo manteríamos o ensino remoto. Houve dúvidas se os estudantes de educação básica se adaptariam a esse modelo e se, nós, educadores, seríamos capazes de assegurar a qualidade do trabalho e das aprendizagens. Mas tínhamos a certeza de que precisaríamos confiar em nosso projeto e inovar.

Adaptamos nossas práticas para a nova realidade. Elaboramos um horário com interações diárias (videoaulas, aulas síncronas e espaço para a prática de conversação) para garantir, mesmo que remotamente, a imersão na língua inglesa. Fomos em busca de novos saberes, aprendemos a utilizar ferramentas e plataformas digitais que não conhecíamos para que pudéssemos diversificar as metodologias utilizadas em nossas aulas e assim garantir o melhor acompanhamento possível das aprendizagens. Aprendemos a utilizar recursos interativos na plataforma Moodle e, na plataforma de aprendizagem específica do programa bilíngue, esses dois ambientes virtuais de aprendizagem são ferramentas que nos auxiliam a monitorar as produções e o desempenho dos estudantes. As estratégias que promovem as interações comunicativas entre estudantes e professores foram as mais desafiadoras e as qualificamos a partir dos momentos de troca e relatos de experiências entre docentes. Foram momentos fundamentais para que sentíssemos segurança em nossas práticas e entendêssemos que, mesmo em isolamento, não estamos sozinhos.

Apesar da ansiedade e da incerteza que acometeu a todos, ainda assim, educadores e estudantes têm reagido positivamente às adversidades. As práticas de aprendizagem foram aprimoradas desde o início do ensino remoto. Os educandos se adaptaram à nova rotina e estão desenvolvendo competências e habilidades além das esperadas para o componente.

Na dimensão cognitiva, os estudantes demonstraram as aprendizagens que são esperadas para o componente Inglês, ou seja, a ampliação do repertório linguístico, o desenvolvimento e o aprimoramento comunicativo na língua alvo (oral e escrito) e consciência intercultural. Mas as aprendizagens também aconteceram em outras esferas, como a utilização consciente das novas tecnologias e o aprimoramento nas habilidades referentes aos recursos que já conheciam; tornaram-se mais receptivos às propostas de trabalho e apresentaram produções criativas que surpreenderam os educadores, desde o design e confecção de uma fantasia cosplay até a criação de uma estufa automática para irrigar uma horta. No modelo de aulas remotas também se fez notório o crescimento dos estudantes na dimensão socioemocional. As atividades em grupos foram uma estratégia importante para que pudéssemos ter evidências do quanto eles desenvolveram suas habilidades para a resolução de conflitos, responsabilidade, empatia e cooperação.

Não sabemos por quanto tempo o modelo atual perdurará e tampouco quais serão os próximos desafios a serem enfrentados, mas estamos certos de que as aprendizagens conquistadas durante 2020 serão referência e base para que possamos nos reinventar, inovar e aprender com os novos tempos.

Uma aprendizagem para toda vida

— POR ROSANA MILEK DOS S. MACHADO

Início de ano, fevereiro de 2020. Colégio pulsando, estudantes nos corredores procurando sua nova sala, reencontrando seus amigos, revendo antidos educadores e ansiosos para conhecer os novos educadores. Apresentações, dinâmicas, mudança de sala porque não ficou com a turma que queria, lágrimas, sorrisos, afetos, abraços e muita conversa. Aos poucos, fomos nos conhecendo e ficando mais próximos. No decorrer das semanas, começaram as explicações sobre o planejamento das aulas, oficinas, rodas de leitura, aula de campo, ou seja, rotinas de sala de aula.

Porém, após um mês e meio de aula, recebemos a notícia: "Precisamos parar", o Colégio iria fechar. Alguns estudantes foram até o último dia de aula. Não queriam acreditar que de uma hora para outra, não poderiam mais ir ao Colégio e perguntavam:"profe, o que vou fazer em casa? Como vamos estudar?". São questões que, por três semanas, ficaram em modo de espera.

Com as aulas presenciais suspensas, buscamos alternativas de ensino. Vale ressaltar que, no Colégio, já estávamos familiarizados com o ambiente virtual de aprendizagem, pois já utilizávamos a plataforma para complementar o estudo a partir dos conteúdos e exercícios realizados em sala. De certa forma, a implantação e utilização havia criado vínculos entre nós. Em alguns momentos, os estudantes aproveitavam em casa para fazer os exercícios e ler os materiais extras.

Porém, com o novo formato de aula remota, precisamos de modo urgente replanejar os conteúdos e estratégias, bem como aprender a lidar com as diversas tecnologias que precisamos utilizar para dar conta das aulas virtuais. Mergulhamos em leituras e estudos que proporcionaram aprender mais sobre as diversas plataformas e ferramentas que possibilitam as aprendizagens de modo remoto. E o mais importante: nos prepararmos para motivar os estudantes a querer continuar nossa caminhada e não deixar que o medo e a insegurança, os dominasse.

Foi tudo muito rápido, nós passamos do espaço físico com cadernos, livros, lápis e canetas, para o espaço virtual e, detalhe, cada um em sua casa. A maioria dos estudantes tem fácil acesso à internet e uma facilidade incrível de transitar pelos meios virtuais, mas não é só o domínio que conta. Neste momento precisariam aprender a organizar seu tempo e construir a autonomia de estudo que o formato exige, além de lidar com a situação do momento.

Diante do cenário buscamos estratégias que possibilitassem um diálogo aproximado com os estudantes. Que dialogasse com bibliotecas virtuais, plataformas, leituras, vídeos e o novo formato de ensino-aprendizagem foi sendo ressignificado.

E assim após três semanas, de recesso, iniciamos nossas aulas virtuais. O planejamento para as primeiras semanas e o material já estava todo adaptado para esse novo cenário. As primeiras aulas foram de total superação. Na condição de educadores, ficamos muito inseguros, ansiosos e, às vezes, tínhamos vontade de chorar, pois é angustiante dar aula sem poder olhar para cada um dos nossos estudantes e, perceber se estão compreendendo o que falamos, interagir sobre o conteúdo e troca de ideias.

As primeiras videoaulas tornaram-se solitárias, mas, com a parceria entre nós educadores, o apoio das equipes e principalmente dos estudantes tivemos ânimo e discernimento sobre toda essa situação. Os estudantes, em seus depoimentos e bilhetinhos que escreviam, nos incentivaram e nos fortaleceram. Percebemos o quanto estavam presentes, de alguma forma, cada um à sua maneira, tentando construir juntos um espaço de novas aprendizagens, de aproximação, que vai além dos conteúdos.

O distanciamento social nos trouxe a aproximação e os conteúdos foram repensados para de alguma forma, nos colocarmos como personagens principais do assunto abordado, da situação vivida.

O Componente de **Língua Portuguesa** trabalha com os diversos gêneros de textos (reais e ficcionais) nas quatro práticas: produção de texto, análise linguística, interpretação e leitura. E, por meio do texto, os estudantes entram em contato com as regras que fazem funcionar nossa língua, com abordagens de interpretação e descobertas. Na prática da leitura, dependendo do gênero de texto, são abordados temas de superação, de enfrentamento, de mudanças provocadas por situações inesperadas, família, mundo natural e social, de heroísmo das personagens entre outros. Por exemplo, em algumas das histórias ficcionais que trabalhamos, parecem ter sido escritas justamente para o momento atual, fazendo com que os estudantes sintam, vivam e reflitam sobre o contexto. São leituras que possibilitam lembranças extraordinárias e muitas reflexões. Segundo a pesquisadora Teresa Colomer (2007), "A literatura em seu nível mais profundo permite apreciar as mais infinitas possibilidades de estruturar e reestruturar os recursos da linguagem a serviço da atividade comunicativa do discurso".

Em todas as séries desenvolvemos diversas estratégias que permitam estabelecer expectativas nos estudantes. Aqui citaremos apenas duas.

Uma das estratégias utilizadas nas aulas não presenciais é a apresentação do livro ficcional escolhido, por meio da aula gravada. Iniciamos com a apresentação dos dados biográficos da autora e informações que contextualizem a obra. Na sequência, passamos informações e sugestões que visam a motivar o estudante para a leitura e a relação da obra com o tema proposto.

Após a apresentação inicial, dependendo da turma, alguns capítulos são gravados e nossos estudantes acompanham a leitura para que possam identificar e refletir sobre as diferentes perspectivas ou vozes presentes no texto. Para Ricardo de Azevedo, "A literatura e a poesia podem fazer com que a gente entre em contato com, talvez, os assuntos mais relevantes de nossas vidas."

Além de acompanharem a leitura por videoaula, prevemos momentos de leitura individual e silenciosa para que o estudante tenha chance de sentir e compreender a narrativa a partir de suas experiências de vida. Ao final de cada capítulo ou do livro (dependendo da necessidade), abrimos espaço para o compartilhamento das impressões, discussões de hipóteses, troca de ideias e a construção de um sentido coletivo que é realizada por meio do fórum ou live.

Outra estratégia adotada surgiu da necessidade de se falar sobre livros e leitura. Em um fórum específico, educadores e estudantes, trocam experiências a partir das escolhas, dos gostos particulares de leitura. No fórum é possível postar impressões sobre a obra e indicações de livros, filmes, canções entre outros gêneros.

Neste pequeno trecho, Bartolomeu Campos de Queirós marcou a figura da educadora que lia histórias para ele e seus colegas:

Uma definitiva presença

"Ela entrava na escola abraçando os nossos cadernos "Avante" (a sala tinha cheiro de roupa lavada. Tudo limpo como água de mina e o mundo ficava mudo para escutá-la. Sobre a sua mesa pousava uma jarra sempre com flores do mato que os alunos colhiam pelo caminho). Ao abraçar os cadernos era como se a professora me apertasse sobre seu coração, me perdoando, com antecedência, os meus erros e acertos.

Eu ainda não lia de "carreirinha". Mas seu olhar foi o meu primeiro livro! Ela me acariciava com seus olhos e derramava sobre mim uma luz mansa de luar, capaz de alvejar meu desejo obscuro de aprender. Seus olhos me permitiam a liberdade. Sua presença inteira me trazia uma paz e uma certeza de que o futuro era possível."

A tecnologia se fez presente de forma intensa e aos poucos fomos nos adaptando. Acreditamos que o ensino após a pandemia passará por grandes transformações, precisamos aproveitar esse momento e incorporá-lo no presencial, deixando nossas aulas ainda mais críticas, criativas e inovadoras.

Segue, por fim, um verbete popularizado/viralizado nas redes sociais e que está fazendo muita falta nos dias de hoje.

Abraço (s.m)
o golpe mais efetivo contra a saudade.
é quando a gente se encaixa perfeitamente um no outro.
quando a minha alma beija a sua. é a ação de encostar um coração no outro.
a dívida mais gostosa de se pagar.
a melhor forma de salvar alguém da tristeza.
é sorrir com os braços.

(João Doederlein)

Educação Inclusiva: como incluir em tempos de pandemia?

— POR BÁRBARA H. BORGES
— DÉBORA C. DA SILVA BORIN,
— KAROLINA MARIANNI VARGAS
— PRICILA STANKEVECZ

A inclusão escolar implica uma mudança de perspectiva educacional. Para que ela aconteça com sucesso é necessário atingir todo o ambiente educacional e não apenas os estudantes com deficiência ou que apresentam alguma dificuldade (MANTOAN, 2015).

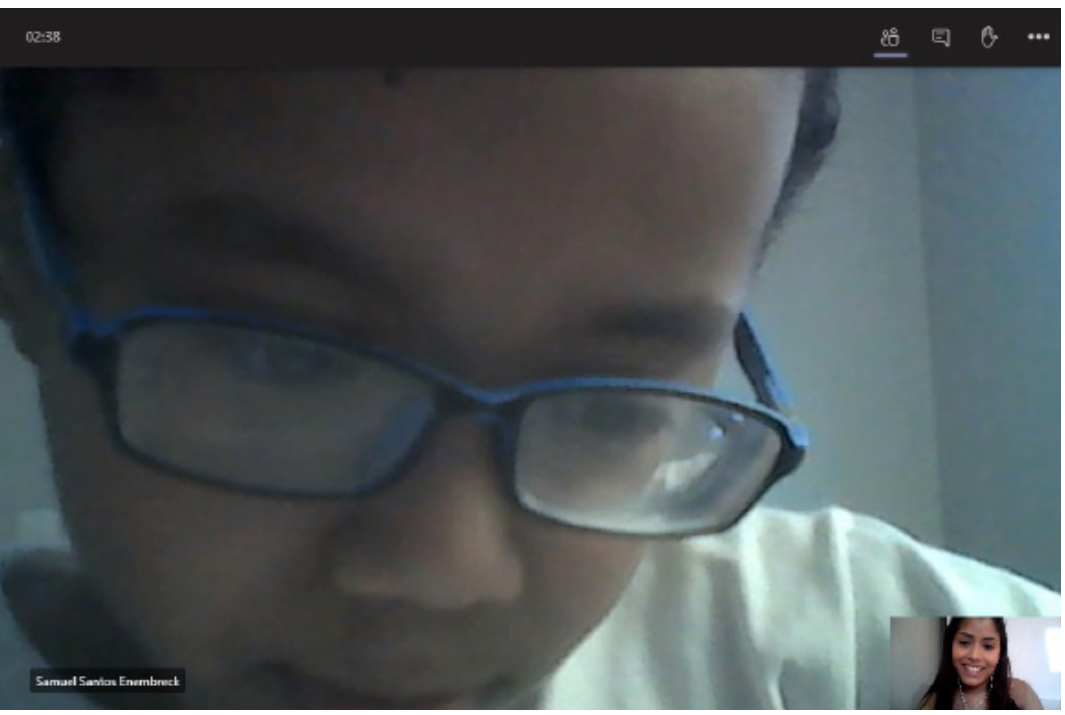
A proposta de educação da Companhia de Jesus comunga com a perspectiva da educação inclusiva, visto que sua finalidade é proporcionar educação integral para todos os estudantes. Assim, as escolas da RJE entendem a educação inclusiva como garantia das condições de aprendizagem para todos, independentemente de suas condições. Uma escola inclusiva oferece não apenas recursos especializados, mas também um espaço que valoriza a diversidade, no qual se experimentam as vantagens de um ensino e de uma aprendizagem cooperativos, em que todos se ajudam e são ajudados. Projeto Educativo Comum (REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO, 2016, ns. 49 e 50).

Nesse viés, o Colégio Medianeira, membro da RJE, preocupado com a formação integral dos estudantes de inclusão, a partir da suspensão das aulas presenciais, por conta da pandemia da COVID-19, sistematizou práticas e ações inclusivas para o acompanhamento dos estudantes durante esse período.

Como principais estratégias para essa ocasião, o **Centro de Inclusão**, por meio dos profissionais de apoio, realizou interações individuais com os estudantes, com o objetivo de fortalecer o vínculo e aproximação com a aprendizagem. Além disso, ocorreu o contato constante com os professores, a fim de dar continuidade nas adaptações das atividades e desenvolvimento pedagógico.

Com o início das aulas não presenciais, as práticas educacionais necessitaram serem repensadas, tomando como partida a utilização de ferramentas que instigassem a curiosidade e a motivação diante de uma nova forma de aprendizagem. As aulas tornaram-se mais dinâmicas e oportunizaram desenvolver habilidades que até então tinham sido pouco desenvolvidas. Em contrapartida, aulas nesse formato exigem muito mais dos estudantes (atenção, concentração, conexões, autonomia). Assim se tornou um desafio atingir alguns estudantes de inclusão nesse formato.

Foi necessário repensar todos os meios que são utilizados, atividades, mediações, estratégias, buscando atingir as especificidades de cada caso. Percebemos aqui a importância da participação dos profissionais de apoio, pois, com mais ou menos 40 dias de aulas presenciais, os educadores não tinham total conhecimento sobre os estudantes de inclusão; já o profissional de apoio conseguiu trazer estes dados, interesses e estratégias para, assim, atingir os estudantes de inclusão nas interações, sejam elas coletivas ou individuais.



Foi um processo de transformação e adaptação para todos os estudantes de aulas presenciais para aulas via computador ou outro recurso tecnológico, que possibilitou aulas em tempo real cada qual em suas casas. Alguns estudantes se adaptaram rapidamente ao novo formato de aprendizagem, para outros foi necessário dar um suporte maior para o acompanhamento das aulas, organização do seu tempo de estudo e realização das atividades solicitadas.

O diálogo entre os educadores e profissionais de apoio pedagógico se fez cada vez mais necessário e urgente. Porém, diante das demandas, se evidenciou algo que é observado no cotidiano presencial. Os PAPs, muitas vezes, assumem as responsabilidades referentes a adaptações curriculares e metodológicas e o educador, por sua vez, supervisiona e dá aval sobre as adaptações propostas. Uma pequena parcela dos educadores, de fato, elaborou, acompanhou e avaliou o processo de aprendizagem do estudante de inclusão, por outro lado, ficou evidente que muitos educadores mesmo em meio a tantas demandas do novo modelo de ensino buscavam meios e estratégias para os estudantes de inclusão.

O papel do profissional de apoio nesse novo contexto teve que se ressignificar. O que antes cabia a ele a mediação entre a aprendizagem sistemática e oportunizar o desenvolvimento pleno diante da quebra de barreiras diariamente vivenciadas, agora assume um novo foco de trabalho. Apresenta-se como articulador entre as aulas ministradas pelos educadores, propondo atividades adaptadas quando necessárias e se revela como referência para a família, atendendo as demandas que eles trazem nas interações individuais.

A comunicação entre a família e a escola é fundamental, principalmente em tempo de pandemia, no qual a família passa a assumir o papel de mediação entre o estudante e os conteúdos/atividades. É essencial que a escola se torne um espaço de acolhimento, em que a família possa se manifestar de forma livre, que suas opiniões e sugestões sejam acolhidas

para que juntos possam organizar melhores soluções que favoreçam o aprendizado, visto que, principalmente quando se trata de estudantes de inclusão, a maioria dos estudantes ainda está desenvolvendo a autonomia, pois demandam de mais suporte em sua rotina, tanto em casa quanto nas práticas escolares, sendo assim a participação ativa da família é fundamental. A proximidade com a família auxilia na percepção do desenvolvimento dos estudantes, que ocorrem por meio de diálogo e da criação conjunta com a escola.

Assim, a construção de um relacionamento, com base em trocas e compartilhamento, da família com o profissional de apoio mostrou-se primordial para o planejamento de uma rotina de estudos, auxiliando a condução/mediação das atividades, bem como amparando nos momentos de dificuldades emocionais que surgiram, de forma que os estudantes de inclusão mantenham o vínculo e o referencial com o Colégio, educadores e o profissional de apoio.

Diante das experiências deste momento ficou evidente como as trocas e as parcerias entre os educadores e as famílias são fundamentais para que o processo de aprendizagem seja significativo. Os profissionais de apoio suprem várias demandas com estes estudantes, protagonizando os processos educativos.

www.colegiomedianeira.com.br

COLÉGIO Medianeira

Rede Jesuíta de Educação